



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**MARIANA REZENDE DE CAMPOS**

**Racismo no *Youtube*:  
desafios educacionais na era da internet**

**CAMPINAS  
2022**

**MARIANA REZENDE DE CAMPOS**

**Racismo no *Youtube*:  
desafios educacionais na era da internet**

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Ensino de História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Camila Loureiro Dias

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À  
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO  
DEFENDIDA PELA ALUNA MARIANA  
REZENDE DE CAMPOS, E  
ORIENTADA PELA PROFA. DRA.  
CAMILA LOUREIRO DIAS.

CAMPINAS  
2022

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Paulo Roberto de Oliveira - CRB 8/6272

C157r Campos, Mariana Rezende de, 1989-  
Racismo no Youtube: desafios educacionais na era da internet. / Mariana Rezende de Campos. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Camila Loureiro Dias.  
Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Educação. 2. Racismo. 3. Youtube (Recurso eletrônico). I. Dias, Camila Loureiro, 1981-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Racism on YouTube: educational challenges in the internet age.

**Palavras-chave em inglês:**

Education

Racism

Youtube (Electronic resource)

**Área de concentração:** História

**Titulação:** Mestra em História

**Banca examinadora:**

Camila Loureiro Dias [Orientador]

Lucilene Reginaldo

Antonia Terra de Calazans Fernandes

**Data de defesa:** 31-05-2022

**Programa de Pós-Graduação:** História

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-5739-930>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/9220308536651747>



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado Profissional, composta pelos(as) Professores(as) Doutores(as) a seguir descritos, em sessão pública realizada em 31 de maio de 2022, considerou a candidata Mariana Rezende de Campos aprovada.

Prof(a). Dr(a). Camila Loureiro Dias

Prof(a). Dr(a). Lucilene Reginaldo

Prof(a). Dr(a). Antonia Terra de Calazans Fernandes

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/ Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Aos meus filhos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço de forma especial meu amado companheiro Leandro Bomfim por comprometer-se a me ajudar em todo o percurso de estudos até aqui, seja com o apoio emocional ou com o apoio fundamental nas questões práticas do dia-dia de uma professora, mãe, mulher, dona-de-casa, esposa e estudante. Agradeço aos meus pais, que mesmo sem compreenderem a dimensão do universo educacional sempre acreditaram em meus sonhos e me apoiaram. Agradeço imensamente ao cursinho popular CAP-Quintino (Ribeirão Preto) por acreditar no sonho de jovens carentes de ingressarem em uma Universidade, sem o qual as possibilidades de chegar até aqui seriam infinitamente menores. Agradeço também a todos os professores que passaram por minha vida, em especial aos docentes do Prof-História, minha orientadora Dra. Camila Loureiro Dias e ao professor Dr. Ricardo Pirola que muito me ajudaram.

*"Ninguém nasce odiando outra pessoa por sua cor da pele, sua origem ou sua religião. As pessoas podem aprender a odiar e, se podem aprender a odiar, pode-se ensiná-las a aprender a amar".*

**Nelson Mandela**

## RESUMO

O presente trabalho busca refletir sobre o consumo de conteúdos racistas entre jovens por meio da internet e contribuir com uma proposta didática direcionada a professores do Ensino Básico, que se utiliza de vídeos no YouTube como instrumento de reflexão sobre o tema do racismo na internet. O estudo inicia analisando a atual situação educacional e política do Brasil no contexto informacional, demonstrando a importância de refletirmos sobre o papel da internet na educação contemporânea. Em seguida, tratamos do modo como o tema do racismo circula dentro e fora da web, demonstrando a importância de uma educação antirracista. O estudo fundamenta-se a partir da análise do vídeo de Nando Moura "Consciência Negra? A verdade que não contaram", *youtuber* bastante popular da plataforma *YouTube*. Analisamos como são abordados, no vídeo, temas como a relação da abolição com o conservadorismo, a escravidão entre negros e a origem de Zumbi. Por fim, uma proposta didática é apresentada aos leitores com o propósito de discutir o racismo na sociedade através de conteúdos disseminados pela internet.

Palavras-chave: Educação; Racismo; YouTube.

## **ABSTRACT**

This present work seeks to understand the consumption of racist content among the young throughout the internet and also to contribute with a didactic proposal directed to Middle School teachers, those who use YouTube videos as an instrument of reflection about the theme of racism on the internet. The paperwork initiates analyzing the current educational and political situation of Brazil in an informational context, demonstrating the importance of understanding the role of the internet in contemporary education. Subsequently, the work deals with how the theme of racism runs in and out of the web, proving the importance of an antiracist education. The study is based on evaluations of Nando Moura's video "Black Consciousness Day? The truth they did not tell", who is a popular *YouTuber* on the Youtube platform. This video is analyzed, seeking to understand the approach of sensitive themes such as the relation of abolition with conservatism, slavery among black people, and the origin of *Zumbi dos Palmares*. Lastly, a didactic proposal is presented to the readers with the intent of discussing racism in our society using the content that are widespread throughout the internet.

Keywords: Education; Racism; *YouTube*.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Dados	62
Figura 2 -	IBGE .....	
	Boneca Taís Araújo .....	65
		...
Figura 3 -	Postagem Jean	66
	Wyllys .....	

## LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AGU	Advocacia-Geral da União
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
COAF	Conselho de Controle de Atividades Financeiras
DRCI	Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática
EBC	Empresa Brasil de Comunicação
GULAGS	Glavnoe Upravlenie Legarei - “Administração Central dos Campos”
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PGR	Procuradoria-Geral da República
PLN	Projeto de Lei do Congresso Nacional
SECOM	Secretaria Especial de Comunicação Social
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 - O RACISMO, O CONHECIMENTO E A INTERNET</b>	<b>19</b>
1.1 A internet como fonte de conhecimento	19
1.2 O consumo de informação via internet	22
<b>1.2.1 O impacto da internet no ambiente escolar</b>	<b>24</b>
1.3 O racismo debatido na internet	27
<b>1.3.1 Discurso racista na internet</b>	<b>30</b>
<b>1.3.2 Movimento negro e a internet</b>	<b>33</b>
<b>CAPÍTULO 2 – CANAL NANDO MOURA E SUAS NARRATIVAS</b>	<b>39</b>
2.1 O Canal: breve análise	39
2.2 Consciência negra? a verdade que não contaram: descrição do vídeo	46
2.3 Consciência negra? a verdade que não contaram: análise do vídeo	50
<b>2.3.1 A Abolição e o conservadorismo</b>	<b>51</b>
<b>2.3.2 A escravidão entre negros</b>	<b>55</b>
<b>2.3.3 A origem de Zumbi</b>	<b>57</b>
<b>2.3.4 Zumbi e o dia da Consciência Negra</b>	<b>58</b>
<b>CAPÍTULO 3 - A PROPOSTA DIDÁTICA: TRABALHANDO COM YOUTUBERS E CONTEÚDOS RACISTAS EM SALA DE AULA</b>	<b>61</b>
3.1 A proposta didática	61
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>69</b>

## INTRODUÇÃO

Em minha trajetória docente observo que, recentemente, alguns alunos, dentre eles os mais notáveis, passaram a fazer uma série de questionamentos que, confesso, muitas vezes, deixaram-me sem palavras. Precisamente no ano de 2018, ano de campanha eleitoral para Presidência da República, as discussões a respeito de diversos temas estavam acirradas na escola.

Alguns assuntos passaram a ser amplamente discutidos, principalmente aqueles relacionados à esquerda e à direita, ao aborto, desarmamento e outros que abarcavam a moral da sociedade. Mesmo sem entenderem o que significou, e significa atualmente, ser de esquerda ou direita, muitos alunos se posicionavam fervorosamente e poucos admitiam-se à esquerda; naquele momento, parecia que ser de esquerda era inaceitável. Foi então que propus um debate sobre o assunto, reunindo os alunos em dois grandes grupos para argumentarem acerca do tema, mas o resultado foi bastante caótico e desrespeitoso entre ambos.

Em minhas aulas de História, fui bastante questionada sobre o socialismo, a URSS, os GULAGS, sobre manipulação dos livros didáticos pelo governo, sobre racismo, escravidão, feminismo, dentre outros. Parecia que, ao questionarem esses assuntos, meus alunos estavam querendo fazer provocações e não de fato discutir ou aprender sobre o tema. Era como se os professores, de todas as disciplinas, não tivessem mais legitimidade para lecionar, como se estivessemos escondendo uma preciosa verdade deles.

Com o passar do tempo, percebi que a fonte de pesquisa que os alunos utilizavam, a Internet, produzia muita confusão, que muitos dos materiais que nela se encontravam eram incoerentes e acirravam a violência e a polarização. Assim, passei a compreender melhor porque os estudantes estavam fazendo tais questionamentos e o que poderia estar acontecendo entre esses jovens de escola pública que, até então, pouco expressavam-se sobre questões políticas.

No ano de 2019, ingressei no Programa de Mestrado Profissional em História ProfHistória, e nas aulas, compartilhando experiências e angústias com os demais professores, passei a ter mais clareza da atual situação educacional do Brasil. As aulas ministradas naquele primeiro semestre, da professora Josianne Cerasoli e do professor Aldair Rodrigues, foram essenciais para engatilhar meu projeto de

pesquisa no mestrado. Assim, passei a refletir mais sistematicamente sobre tais questões e a pesquisar sobre o alcance das mídias digitais entre os jovens brasileiros.

Observei, a partir de comentários de alunos, que alguns utilizavam, como fonte de pesquisa, vídeos no *YouTube*. Nas aulas de mestrado, entrei em contato com pesquisas que diziam que as novas gerações possuem uma relação diferente com as mídias digitais. Os *nativos digitais* que nasceram imersos ao mundo digital, apreenderiam o mundo de maneira diferente dos *imigrantes digitais*, os que participam dessa transição (PRENSKY, 2001).

Compreendi que era preciso que o professor estivesse o mais próximo possível de seus alunos, por serem os alunos, hoje, muito mais familiarizados com as novas tecnologias do que as gerações anteriores. Refletindo sobre a questão, passei a acreditar que a melhor maneira de trabalhar com os temas polêmicos, apresentados pelos meus alunos, seria ensiná-los a realizar um aprofundado estudo e uma conseqüente discussão, a partir do principal meio de acesso a informações que eles possuem, a Internet e, sobretudo o *YouTube*.

Mesmo sabendo que ainda existe um grande número de brasileiros que são excluídos digitalmente, constatei que existem alguns que possuem um amplo acesso às novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Esses jovens, na maioria das vezes, por serem bastante influentes em seus grupos sociais, demandam maior atenção do professor, para que se evite que desinformações se proliferem, atrapalhando o aprendizado e a vida em sociedade.

Dessa forma, mesmo sabendo que, no Brasil, as desigualdades no acesso às TICs são bastante significativas, acredito que se faz necessária uma maior atenção dos educadores a elas, devido à sua potencial influência sobre alguns alunos que se tornam porta-vozes de seus dizeres.

Portanto, passei a me aproximar do *YouTube* e dos canais que falavam sobre História. Percebi que os jovens gostam bastante de acessá-los por causa do tom divertido e curioso que os *youtubers* apresentam. Em sala de aula, atenta aos comentários entre alunos, percebi que um nome se sobressaía dentre eles, Nando Moura, *youtuber* que, dentre outros assuntos, falava bastante sobre política e educação.

Após analisar o canal em questão, comecei a entender de onde vinham as indagações dos meus alunos sobre aqueles inúmeros assuntos, percebi a

construção do raciocínio por trás da fala do *youtuber* e, assim, passei a me sentir mais preparada para falar sobre eles. Selecionei alguns vídeos do canal que falavam sobre História e percebi que, neles, a palavra “verdade” sempre estava em evidência, o professor sempre era identificado como comunista e o interlocutor sempre era colocado como o enganado.

O canal evidenciou o quão complexas eram as estruturas que fundamentavam os questionamentos dos meus alunos. Com o tempo, percebi que Nando Moura reproduzia o pensamento de um terceiro, Olavo de Carvalho, e este passou a ser um dos principais pontos de análise da minha pesquisa.

Olavo de Carvalho, desde há muitos anos, fez críticas à política mundial, sobretudo brasileira, dizendo que a mesma está sob o controle de uma esquerda que busca atacar instituições como a família para transformar a cultura ocidental e assim obter efetivo poder global. Dessa forma, desenvolve todo um discurso anti-esquerdista no Brasil que foi crescendo gradativamente por meio de cursos online, e reverberou por influenciadores digitais, o que, possivelmente, ajudou muito na eleição à presidência de Jair Messias Bolsonaro, político que defendeu em sua campanha o anti-esquerdismo de Olavo de Carvalho.

Paralelamente ao estudo sobre as influências externas, fui aprofundando minha pesquisa e por acreditar em uma educação anti-racista, por observar que o racismo na internet propaga-se quase que sem barreiras e por ter vivenciado em sala de aula muita polêmica no que refere-se ao tema elegi um vídeo em específico, do canal de Nando Moura, para analisá-lo minuciosamente. O vídeo é o "Consciência Negra?? A verdade que não contaram". Nele, o *youtuber* apresenta uma crítica ao Dia da Consciência Negra e, conseqüentemente, a Zumbi dos Palmares. Cita trechos do livro do jornalista Leandro Narloch, Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil (2009), e argumenta que houve uma construção marxista mentirosa da figura de Zumbi dos Palmares. Segundo Narloch, citado por Nando Moura, uma vez em que no Quilombo de Palmares havia escravidão, seria incoerente e errado associar a terrível figura de Zumbi a um símbolo de resistência à escravidão. Nando Moura ainda diz, sem maiores esclarecimentos, que os conservadores, assim como ele se intitula, foram os responsáveis pela abolição da escravidão e que a esquerda nunca irá admitir essa verdade.

Na análise do vídeo, verifiquei que o *youtuber* utiliza-se da historiografia sobre Palmares de maneira bastante questionável para justificar seu raciocínio, dando

impressão de eloquência sobre o assunto. Ele também faz colocações que, ainda que aparentemente pertinentes, são incompletas e confusas, o que tende a fazer o interlocutor acreditar em suas palavras. Ao enfatizar que, em seu vídeo, ele esclarece a verdade que ninguém contou ao seu público, Nando Moura procura criar um vínculo de confiança com este, fazendo com que conquiste milhares de seguidores, dentro e fora do mundo virtual.

Assim, não me restam dúvidas do quanto os professores, em geral, precisam aproximar-se desse mundo virtual, sobretudo o *YouTube*, pois os jovens na atualidade tendem a preferir vídeos a livros, *youtubers* a professores. Somente dessa maneira, nós poderemos desenvolver estratégias de ensino que alcancem nossos alunos, e mais do que isto, poderemos ter mais êxito no combate a temas como do racismo que por séculos aflige a nossa sociedade. Saber o que se fala sobre a História nesses canais virtuais torna-se o primeiro passo nessa jornada para tornar, a cada dia, a aprendizagem mais significativa e justa entre todos.

Levando em consideração que vivemos um período de crise na História<sup>1</sup>, é importante que o professor que está em sala de aula, com os alunos do Ensino Fundamental e Médio, seja capaz de elaborar estratégias para lidar com o problema. Inserir-se no ambiente desses "nativos digitais", a partir de uma abordagem crítica diante das novas possibilidades de acesso ao conhecimento, por via da tecnologia informacional, pode ser uma maneira para tentar encontrar novos caminhos que ajudem a História a sair dessa crise.

Ainda hoje, existe muito distanciamento entre o conhecimento que é produzido na academia e o conhecimento que chega às escolas brasileiras, principalmente quando o assunto é a História da África e da Cultura Afro-brasileira, e a forma como a História é abordada em sala de aula pode ser um dos motivos da crise no campo da disciplina e do racismo que circula quase que livremente na web. É preciso, dessa forma, aproximar o conhecimento acadêmico do escolar, para assim evitar mal-entendidos que possam "viralizar" na Internet e, assim, chegar com

---

1A disciplina da História tem sofrido profundas transformações nas últimas décadas, exigindo o posicionamento dos historiadores diante de questões teóricas e metodológicas muito complexas. Também no Brasil, frequentemente afirma-se, em nossa comunidade acadêmica, a dificuldade de serem encontrados textos teóricos que apresentem, discutam e avaliem, sobretudo para os alunos, as profundas mutações epistemológicas em curso. Afinal, já faz muito tempo que deixamos de contar simplesmente os fatos, como se realizássemos algum tipo de radiografia clara e límpida do passado, enquanto nas últimas três décadas, deixamos de acreditar que o historiador revela um suposto "passado-coisa", para usar a expressão de Jacques Le Goff, que estaria pronto e organizado à sua espera. Mais do que nunca, descobrimos que a História é plural, assim como o passado que narra, e que não pode ser reduzida a uma única forma e conteúdo. (RAGO; GIMENES, 2000, p. 7)

mais eficiência aos estudantes do que nossas tradicionais aulas que pouco dialogam com as novas gerações.

Desenvolver novas metodologias, cujo objetivo seja pensar a História de maneira mais ampla e eficaz, pode ser uma maneira de resolver problemas relacionados à falta de honestidade intelectual daqueles que propagam suas opiniões via Internet e atingem nossos estudantes, desqualificando o conhecimento do professor de História e disseminando o racismo. Aproximar-se de linguagens próprias do mundo digital é apropriar-se de um espaço público dentro da sala de aula; é apropriar-se das principais influências dos nossos alunos, nativos digitais.

Dessa forma, abordar a História a partir da perspectiva do mundo digital é aproximar nossos alunos ao conhecimento histórico e de uma consciência antirracista. O presente trabalho busca proporcionar uma reflexão sobre o assunto, em três capítulos.

No primeiro capítulo, demonstra-se como a internet tornou-se fonte de conhecimento, principalmente entre os jovens em idade escolar; como o consumo da internet vem gradativamente aumentando no Brasil e conseqüentemente impactando a forma como os estudantes buscam e apreendem o saber. O mesmo também enfatiza a importância que os educadores precisam ter com a questão, sobretudo quando deparam-se com estudantes mal informados sobre a História da África e Cultura Afro-Brasileira e com dizeres notavelmente racistas que, muitas vezes, aprendem por meio de vídeos e páginas da internet. O capítulo finaliza discorrendo sobre o uso da internet pelo Movimento Negro para o combate ao racismo, mesmo frente às desigualdades enfrentadas, até mesmo quando o assunto é a visibilidade negra na internet.

No segundo capítulo, é feita uma análise do canal Nando Moura demonstrando sua aproximação e posterior distanciamento com o atual Presidente da República Jair Messias Bolsonaro. O capítulo identifica a estrutura olavista presente na fundamentação de seus vídeos, influenciados pela ideia do “marxismo cultural” propagandeada por Olavo de Carvalho. Após é feita uma análise de um dos vídeos já postados no canal Nando Moura, “Consciência Negra?? A verdade que não contaram”. Nele discorremos como se estrutura a retórica do *youtuber* e esclarecemos os principais temas abordados no vídeo: a abolição e o conservadorismo; a escravidão entre negros; a relação da imagem de Zumbi e com a ideia de Consciência Negra.

No terceiro capítulo, é apresentada uma proposta didática a partir da análise de outro vídeo do Canal Nando Moura, “Taís Araújo e sua Consciência Negra” e o vídeo “O que é racismo estrutural? Desenhando”, do Canal Quebrando o Tabu. Na proposta, várias atividades são criadas a partir dos vídeos para a promoção de um debate sobre o racismo, de forma a esclarecer os temas abordados pelo *youtuber* e demonstrar as intencionalidades de Moura com a produção.

## **CAPÍTULO 1 - O RACISMO, O CONHECIMENTO E A INTERNET**

Conhecer o mundo a partir da internet pode ser um grande problema do nosso mundo atual. A experiência da pesquisa em sites de busca selecionam resultados nada neutros e pouco confiáveis. Apresentar-se passivo frente às inovadoras tecnologias pode aprofundar ainda mais problemas sérios da sociedade, como o racismo.

Tornou-se comum encontrarmos na internet (em redes sociais, YouTube, etc), conteúdos racistas. De forma explícita ou implícita, na web encontramos pessoas utilizando-se de uma suposta liberdade de expressão para mascarar seus atos racistas. Conteúdos são abordados na internet de forma bastante argilosa para que o internauta tenha uma compreensão distorcida da História, sobretudo em assuntos referentes à História da África e Cultura Afro-Brasileira, para assim justificarem seu posicionamento discriminatório.

Mas o que move tais influenciadores virtuais a defenderem o racismo, mesmo quando declaram-se antirracistas? Nossa hipótese é de que sejam seus interesses políticos. O racismo tornou-se pauta política em discursos ultra-conservadores que afirmam não existir racismo no Brasil, dizendo ser uma invenção da esquerda.

Como a internet também tem se transformado em uma arma política eficaz, torna-se necessário que voltemos nossos olhos à ela para compreendermos seu impacto, sobretudo nas escolas brasileiras. Pois, nota-se que os estudantes estão cada vez mais conectados à ídolos midiáticos que formam opiniões e são muito mais influentes em sua retórica do que muitos educadores comprometidos com o conhecimento acadêmico.

Estando certos do poder político que a internet possui, o Movimento Negro procura apropriar-se cada vez mais deste espaço midiático para aumentar a representatividade negra e combater o racismo na sociedade brasileira e no mundo, mesmo ainda sendo minoria entre os que alcançam um maior número de pessoas, a luta faz-se necessária entre aqueles que acreditam em um mundo mais justo.

### **1.1 A internet como fonte de conhecimento**

Com o avanço tecnológico e a ampliação do acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), observa-se que o meio pelo qual obtemos hoje

acesso ao conhecimento seja também objeto de estudos e reflexões entre os pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Desde meados do século XV até o século XX, o suporte textual do impresso foi o principal meio de acesso ao conhecimento e à informação; na atualidade, o mundo digital tem transformado essa relação.

A partir das telas (sejam elas de computadores, notebooks, tablets, celulares) e do acesso à internet, estamos hoje hiperconectados a várias informações e conteúdos ao mesmo tempo, o que torna a nossa atenção, muitas vezes, fragmentada. A dificuldade de compreensão do todo pode facilitar a manipulação do conhecimento, fazendo com que informações falsas sejam disseminadas com maior facilidade. Segundo Rodrigues (2018), ainda ocorre duas outras situações ao nos conectarmos à internet:

Na busca de informações na web, a fragmentação ocorre em um segundo nível que se prende ao fato de o principal motor de busca de conteúdos (o Google) funcionar por palavras. A cada palavra ou frase inserida no buscador, o usuário depara-se com uma quantidade cada vez maior de links para páginas e arquivos que contêm a informação desejada. Os critérios de hierarquização dos resultados não são transparentes, a configuração de seu algoritmo não é acessível ao público e fica concentrada nas mãos de uma das maiores corporações do capitalismo moderno. Junto com a informação, aparece a publicidade de serviços correlatos ao que foi buscado. (RODRIGUES, 2018, p. 148)

Ao entrar em um dos arquivos ou páginas que resultaram da busca, a fragmentação acontece ainda em um terceiro nível: há sempre a possibilidade de fazer uma busca por palavra dentro do texto (via editar/localizar ou ctrl+ L; ctrl + F). Nestas práticas de contato com a textualidade, ao mesmo tempo que se chega com rapidez ao que se procura, perde-se a noção do todo. A obra que havia sido concebida para ser lida por completo é acessada de forma fragmentada. (RODRIGUES, 2018, p. 148)

Assim, quando utilizamos a internet para pesquisas, tanto pessoais como acadêmicas e escolares, não obtemos resultados de busca neutros. Existe uma seleção imposta pelos algoritmos que selecionam as informações pesquisadas, fazendo com que, na maioria das vezes, além de obter informações fragmentadas, utilizemos conteúdos próprios de uma “bolha” de pensamento.

Diferente do texto escrito no papel, com o texto digital é possível chegar a outro texto por meio dos hiperlinks. Esta hipertextualidade faz com que a leitura deixe de ser linear, facilitando ainda a fragmentação da atenção do leitor. Segundo

Lévy (1999), os dispositivos hipertextuais nas redes digitais desterritorializaram o texto e fizeram emergir um texto sem fronteiras nítidas, sem interioridade definível.

Para além do conhecimento e informação acessados pelo texto digital, as produções audiovisuais são ainda mais buscadas na atualidade, principalmente pelos jovens que encontram nos vídeos, mais do que informações, o entretenimento. Vídeos no *YouTube* que falam sobre diferentes assuntos, dentre eles, de conteúdo histórico, tornaram-se muito populares entre os estudantes brasileiros em geral. Esses geralmente buscam, ao acessar tais vídeos, saciar suas curiosidades e ampliar seus conhecimentos de forma dinâmica e divertida, o que muitas vezes pode resultar em um grande perigo ocasionado pela falta de controle nas informações, que podem ser falsas ou fragmentadas ao ponto de produzir uma falsa compreensão da realidade.

Recentemente, tornou-se comum produções audiovisuais circularem na internet por meio da plataforma de vídeos do *YouTube*. Essa plataforma pode ser definida como um site de entretenimento que popularizou o compartilhamento de vídeos na internet. Pelo *YouTube* são postados vídeos sobre os mais diversos assuntos, dentre eles conteúdos de alta qualidade, outros que desinformam a população com as chamadas *fake news*, uns mais e outros menos atrativos para o público em geral. Na plataforma, também encontramos um importante espaço para discussões relacionadas à política, cultura, economia e sociedade, que acabam impactando significativamente a opinião pública dos brasileiros.

Contudo, com o avanço do acesso à internet e popularização das informações por meio do texto digital e vídeos postados no *YouTube*, nota-se que o conhecimento em História tem ganhado bastante espaço entre os leigos em nossa sociedade,<sup>2</sup> e a sala de aula tem deixado de ser o principal espaço de discussão sobre os temas históricos. É a *Public History*, ou "história pública" que surgiu na década de 1970, nos Estados Unidos, com o historiador Robert Kelley observando um potencial mercado de trabalho alternativo à carreira acadêmica para historiadores. Com o tempo, a *Public History* ganhou mercado e tornou-se, para muitos, um negócio de entretenimento executado não somente por historiadores

---

2MALERBA, J. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 7, n. 15, p. 27 – 50, 2014. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/692>. Acesso em: 18 jul. 2020.

comprometidos com os métodos acadêmicos, mas também por influenciadores digitais e leigos influentes que escrevem sobre o tema de maneira bastante parcial.

Nesse contexto, vemos surgir inúmeros *best-sellers*, como o livro “Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil”, de Leandro Narloch, utilizado pelo *youtuber* Nando Moura no vídeo: “Consciência Negra?? A verdade que não contaram”, que serão analisados nos próximos capítulos. Conteúdos como esses circulam na internet e têm como tema assuntos relacionados à história, apresentando impacto, geralmente negativo, nas dinâmicas em salas de aula.

Por possuírem finalidades mercadológicas e ideológicas que não necessariamente estão comprometidas com a ética necessária para a produção do conhecimento - uma vez que argumentam misturando conhecimentos acadêmicos com suas interpretações pessoais sobre o tema - e por se apresentarem em um formato digital atrativo às novas gerações, acabam fazendo com que o conhecimento do professor de história seja diversas vezes rejeitado e inferiorizado perante os ícones midiáticos, o que evidencia um grande problema a ser enfrentado pelos historiadores da atualidade.

## 1.2 O consumo de informação via internet

No Brasil, mesmo que exista um grande número de brasileiros que ainda são excluídos digitalmente<sup>3</sup>, podemos observar que a cada dia aumenta o número de pessoas que possuem um amplo acesso às TICs. Os jovens conectados são, na maioria das vezes, bastante influentes em seus grupos sociais, o que demonstra a necessidade de uma melhor orientação profissional sobre o assunto, para que as desinformações que circulam na internet não se proliferam prejudicando ainda mais a sociedade em geral.

[...] Nos países em que as taxas de analfabetismo funcional são altíssimas (no Brasil, calcula-se em torno de 30%), a luta contra as diversas carências de acesso a serviços públicos (educação, saneamento, segurança, saúde, serviços jurídicos) exige uma visão complexa a respeito da luta contra a exclusão social [...] As novas tecnologias da informação aumentam a desigualdade social, de forma que a universalização do acesso não é mais do que a luta por um novo nivelamento das condições de acesso ao mercado de trabalho. (SORJ; GUEDES, 2005, p. 116)

---

<sup>3</sup>SORJ, Bernardo; GUEDES, Luís Eduardo. Exclusão digital: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas. **Novos estudos**, CEBRAP, São Paulo, n. 72, p. 101-117, jul. 2005.

Assim, mesmo com a exclusão social favorecendo ainda mais a desigualdade social, de acordo com a matéria publicada pela Agência Brasil<sup>4</sup>, talvez possamos dizer que a desigualdade de acesso à rede faz-se cada vez menor, o que impacta em diferentes aspectos da vida em sociedade. Dentre eles, a escola e o acesso ao conhecimento e à informação.

Segundo a reportagem, três em cada quatro brasileiros acessam a internet. Entre trabalhadores que ganham menos de um salário mínimo, 61% possuem acesso à internet. Porém, mesmo sem acesso à internet, todos acabam sendo impactados pelo que circula em rede; na escola, os estudantes não conectados à internet acabam recebendo as informações propagadas pelos estudantes conectados, geralmente notáveis em sala de aula.

Nota-se que o consumo de vídeos na internet tem aumentado consideravelmente nos últimos tempos, este tem sido um dos principais meios de acesso ao conhecimento e à informação da maior parte da população brasileira na atualidade. Em pesquisa realizada pela Pesquisa Video Viewers<sup>5</sup> em parceria com o Instituto Provokers e com a Box 1824, que buscou analisar e entender como diferentes plataformas e tipos de conteúdos ajudam a transformar hábitos das pessoas quando assistem a vídeos, constatou-se que o consumo de vídeos na web aumentou 135% entre 2014 e 2018, enquanto o consumo de TV aumentou apenas 13% no mesmo período. A pesquisa também evidenciou que a plataforma do *Youtube* é campeã na preferência das pessoas para assistirem a vídeos, além de ser o 2º maior destino para o consumo deste formato no país, ficando apenas 3 pontos percentuais atrás da líder, TV Globo.

A pesquisa revelou ainda que as principais motivações que levam pessoas a buscarem pelos vídeos são: a conexão (a pessoa busca sentir algo em conjunto), o conhecimento (a pessoa busca se informar), o entretenimento (a pessoa busca se divertir) e a identidade (a pessoa busca se encontrar). Ou seja, vídeos que exploram a relação entre a busca pelo conhecimento e o sentimento de grupo de forma

---

4VALENTE, Jonas. Brasil tem 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa. *In: Agência Brasil*, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>. Acesso em: 23 jan. 2022.

5MARINHO, Maria Helena. Pesquisa Vídeos Viewers: como os brasileiros estão consumindo vídeos em 2018. *In: Think with Google*, 2018. Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-de-marketing/video/pesquisa-video-viewers-como-os-brasileiros-estao-consumindo-videos-em-2018/>. Acesso em: 08 out. 2021.

divertida tendem a serem mais populares, e conseqüentemente mais rentáveis, uma vez que o *YouTube* monetiza o dono do Canal, o qual também lucra com os anúncios de propagandas em seus vídeos.

Nesse contexto, podemos considerar que o acesso ao conhecimento muitas vezes ocorre por meio de vídeos postados na internet, sobretudo pela plataforma do *YouTube*. Assim, os estudantes em geral são fortemente impactados pelos vídeos postados na web; os jovens, ao se conectarem a um vídeo, ficam ligados a este também de forma afetiva, o que justifica a alta performance e qualidade técnica dos *youtubers* mais influentes da plataforma.

Dessa forma, é preciso refletir sobre os impactos desse fenômeno no ambiente escolar: qual é a qualidade das informações e conteúdos que chegam à boa parcela da sociedade, e em especial aos jovens e adolescentes em idade escolar? O que a escola pode fazer para otimizar a relação entre o online e o off-line? O presente trabalho busca dialogar com tais questões proporcionando, principalmente aos docentes brasileiros, a possibilidade de intervenções pedagógicas que facilitem a aprendizagem e a relação professor-aluno.

### **1.2.1 O impacto da internet no ambiente escolar**

Como já mencionado anteriormente, é notável o crescente no acesso à internet entre os estudantes brasileiros, tanto no ambiente escolar quanto fora dele. O aluno, ao chegar à escola, apresenta uma série de informações adquiridas em diferentes espaços, dentre eles, os conteúdos acessados através da internet.

Essa geração que está nas escolas e nas redes sociais digitais é composta de pessoas que têm sua história de vida linkada pelas relações do seu cotidiano online e off-line. São estudantes que têm uma concepção cultural sobre gênero, raça, política e religiosidade construída no *espaçotempo* da sua vida *dentrofora* da escola. O que circula nas redes sociais digitais são suas vivências nas relações intercruzadas nesse *espaçotempo*. (BORGES; FERNANDES, 2018, p. 75)

A escola, nesse contexto, administrada por adultos muitas vezes desconectados do mundo virtual, geralmente não acompanha a velocidade com que as informações circulam em rede tornando-se agentes passivos em todo este processo. Por isso, de acordo com Lévy (1999):

[...] a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à trocas de saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc. (LÉVY, 1999, p. 170)

Dessa forma, torna-se compreensível que o papel do professor na atualidade tornou-se ainda mais complexo e indispensável. Torna-se necessário o investimento em uma formação contínua, mesmo porque, o avanço do acesso à internet tem transformado não apenas as relações sociais, como também inúmeras outras situações relacionadas à cultura, política e vida em sociedade.

Neste sentido, o presente trabalho busca, por meio da análise de um vídeo do Canal Nando Moura, oferecer uma sequência didática provocativa aos estudantes para que, por meio da análise e questionamentos ao vídeo, consigam refletir sobre a produção de informações propagadas pelo *youtuber*. Assim, tornando-os capazes de compreender as estratégias utilizadas pelo autor do vídeo para que seus seguidores acreditem em suas argumentações.

É preciso se levar em conta que as novas gerações possuem uma relação diferente com as mídias digitais e que a própria maneira de se relacionarem com o mundo difere-se entre aqueles que nasceram imersos ao mundo digital e os que participaram desta transição, como relata Marc Prensky, em seu artigo: Nativos Digitais, Imigrantes Digitais<sup>6</sup>.

Os alunos hoje – do maternal à faculdade – representam as primeiras gerações que cresceram com esta nova tecnologia. Eles passaram a vida inteira cercados e usando computadores, videogames, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital. Em média, um aluno graduado atual passou menos de 5.000 horas de sua vida lendo, mas acima de 10.000 horas jogando vídeo games (sem contar 20.000 horas assistindo televisão). Os jogos de computadores, e-mail, a Internet, os telefones celulares e as mensagens instantâneas são partes integrais de suas vidas.

---

<sup>6</sup>PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants. **On the Horizon**, NCB University Press, v. 9, n. 5, p. 1 - 6, 2001. Disponível em: <https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2015/06/texto1nativosdigitaisimigrantesdigitais1-110926184838-phpapp01.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2020.

(PRENSKY, 2001, p. 1)

É preciso que os professores estejam o mais próximo possível dos seus alunos, dialogando com as questões tecnológicas do tempo presente. A partir das observações de Prensky (2018), nota-se a necessidade de que novas estratégias sejam pensadas para solucionar os mal-entendidos propagados por formadores de opinião em história que, em grande parte, são mais acessíveis às novas gerações do que os professores, muitas vezes desconectados e desatualizados das questões polêmicas que circulam no mundo virtual.

Como visto anteriormente, o *YouTube* tem se apresentado como uma plataforma de vídeos bastante utilizada pela população em geral, sobretudo pelos nativos digitais, que muitas vezes consomem os diversos conteúdos, sobretudo os relacionados à história, política e sociedade, de forma bastante apaixonada e incontestável. Em sala de aula, tornou-se comum alguns alunos apresentarem falas de ordem extremamente apaixonadas e sem sentido, muito parecidas com as utilizadas por alguns influenciadores da plataforma.

O grande problema está no fanatismo que alguns vídeos proporcionam, que cega e faz com que os estudantes reproduzam uma visão histórica bastante dogmatizada e pouco criteriosa, inviabilizando o aprendizado e a relação entre professor-aluno. Neste sentido, observa-se jovens criticando conceitos que não sabem explicar, ou então cometendo erros históricos já bastante debatidos pela comunidade acadêmica.

Os maus entendidos tornam-se ainda mais graves quando observamos que a cada dia as discussões políticas, por vezes manipuladas e desonestas, têm ganhado maior espaço nas redes, a partir de propagandas eleitorais, *fake news*, e conteúdos de cunho político - explícitos ou implícitos - através de vídeos postados na web por influenciadores digitais.

De acordo com reportagem publicada pela Agência Brasil<sup>7</sup>, por Jonas Valente, uma pesquisa conduzida por instituto da Universidade de Oxford “identificou que as iniciativas de uso de redes sociais para manipulação de eleições chegaram a 70 países”. No Brasil, foi apontado que, em 2018, foram realizadas campanhas por meio do *Whatsapp*, que propositalmente difundiram ou amplificaram

---

<sup>7</sup>VALENTE, Jonas. Estudo aponta manipulação política pela internet em 70 países. *In: Agência Brasil*, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2019-09/estudo-aponta-manipulacao-politica-pela-internet-em-70-paises-em-2019>. Acesso em: 08 out 2021.

desinformações. Sobretudo, pela importância do tema, torna-se ainda mais relevante a função do professor em formar cidadãos críticos e eleitores conscientes que consigam fazer uma leitura crítica do que consomem diariamente pelas mídias digitais.

Para tanto, a discussão e sequência didática propostas pelo trabalho em questão objetiva contribuir com essa demanda tão impactante na sociedade brasileira. Refletir sobre o contexto social e político na história recente do país e compreender a importância das novas tecnologias na educação tornam-se um desafio diário que todo professor brasileiro, enquanto profissional e cidadão, deve enfrentar, para que a educação seja significativamente atingida.

### 1.3 O racismo debatido na internet

De acordo com a 83ª sessão da Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial<sup>8</sup>, cujo foco foi a propagação do discurso racista na internet e nas redes sociais, é necessário usar a educação para acabar com o racismo no mundo. Segundo Flavia Pansieri, em seu discurso de abertura da convenção, à medida em que o mundo torna-se mais interligado, fica mais fácil espalhar discursos racistas para além das fronteiras nacionais.

A Lei nº 10.639/2003<sup>9</sup> que trata da obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira e Africana no currículo das escolas brasileiras torna-se a cada dia mais necessária diante aos novos desafios da contemporaneidade. O racismo é tema de muitas discussões, narrativas e polêmicas na internet, que muitas vezes tornam-se casos de investigações policiais. O consumo passivo das informações disseminadas via web podem gerar comportamentos racistas entre muitos jovens e adolescentes, que, ao chegarem ao ambiente escolar, precisam contar com a atenção e o cuidado de seus mestres, para que seus preconceitos sejam esclarecidos e o racismo combatido.

---

<sup>8</sup>CONVENÇÃO da ONU contra racismo busca meios de acabar com o discurso discriminatório na internet. **Nações Unidas Brasil**, 2013. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/63397-convencao-da-onu-contra-racismo-busca-meios-de-acabar-com-discurso-discriminatorio-na>. Acesso em: 08 out. 2021.

<sup>9</sup>BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 21 jun. 2021.

Na internet, existem muitas páginas e canais no *YouTube*, que minimizam o racismo e manipulam o próprio conhecimento histórico para induzirem a população a acreditar que, no Brasil, os brancos, negros e índios convivem harmonicamente, ou que a escravidão é culpa dos próprios negros.

De acordo com a reportagem publicada pelo G1<sup>10</sup>, as denúncias de crimes cometidos pela internet mais que dobraram de 2019 para 2020. As denúncias anônimas foram recebidas pela Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, uma parceria com a ONG Safernet Brasil e o Ministério Público Federal. Dentre as notificações, as denúncias sobre racismo estão entre as de maiores variações percentuais, aumentando 147,8%. Aumento percentualmente menor apenas referente às denúncias relacionadas ao crime de neonazismo, que aumentou 740%.

O dossiê "Intolerâncias visíveis e invisíveis no mundo digital" (Agência nova/sb, 2016) também levantou dados sobre a questão, monitorou várias formas de intolerância nas redes sociais, entre elas o racismo, e verificou que dos 393.284 casos de intolerância, 32.376 referem-se ao racismo.

De acordo com Farias et al (2017, p. 120), as percepções sobre racismo tendem a ser maiores em países onde o discurso racista e xenofóbico, proferidos por partidos nacionalistas, encontram-se em uma crescente, como é o caso do Brasil. Desde 1945, após a 2ª Guerra Mundial, os estudos sobre o racismo têm passado por significativas transformações decorrentes, principalmente, das legislações antirracistas e dos princípios da igualdade e liberdade difundidos pelas democracias liberais. Tais transformações evidenciam-se consideravelmente no mundo virtual, onde o racismo ainda persiste e se apresenta sob uma nova forma e de maneira exclusiva. Estudos apontam, que:

[...] comentários em postagens de fóruns da extrema direita revelam que estereótipos acerca de grupos minoritários (muçulmanos, turcos e negros), geralmente vêm relacionados a criminalidade, a conspiração, a sexo, a exploração e ao estupro (Holtz; Wagner, 2009). Especificamente sobre o racismo, uma análise de 2.000 comentários postados em fóruns do *YouTube*, com a finalidade de avaliar padrões de racismo aberto, racismo color-blind e dissidência contra o racismo, observou que as postagens de usuários que se identificaram como negros tinham probabilidades cinco

---

<sup>10</sup>DENÚNCIAS de crimes cometidos pela internet mais que dobram em 2020. *In*: **G1**, 09 fev. 2021. Economia - Tecnologia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/02/09/numero-de-denuncias-de-crimes-cometidos-pela-internet-mais-que-dobra-em-2020.ghtml>. Acesso em: 08 out. 2021.

vezes maiores de influenciar a emissão de respostas abertamente racistas, quando comparadas as postagens de usuários que não especificaram a sua identidade racial (Kettrey; Laster, 2014). (FARIAS et al, 2017, p. 121)

Nota-se, contudo, que atos racistas são recorrentes no mundo virtual e que com a ampliação do acesso à rede, muitas pessoas têm se comportado como se a internet fosse uma “terra sem lei”. Entretanto, é importante lembrar que o racismo não surge como produto da revolução tecnológica, mas é caracterizado como um fenômeno estrutural de nossa sociedade. Segundo Munanga (2019), “o racismo é um fenômeno presente em diversas sociedades contemporâneas, latente na cultura, nas instituições e no cotidiano das relações entre seres humanos[...]” (KON, SILVA, ABUD; MUNANGA, 2019)

Observa-se historicamente que a população negra tem sido marginalizada como causa e consequência do racismo. A exposição ao mundo digital hoje, aparentemente, faz com que o racismo em nossa sociedade se torne mais evidente, e como consequência, torna-se capaz de amplificar este mal por meio da disseminação em massa de desinformações discriminatórias e criminosas divulgadas por influenciadores digitais.

O racismo constitui um aspecto depreciativo da sociedade brasileira, originado no seio da escravidão e perpetuado pela extrema diferença social existente dentro da população, como se estivesse justificando esta desigualdade. Amparado em preconceitos e estereótipos de natureza biológica e cultural, aparece, em muitos casos, de maneira disfarçada, negando oportunidades de trabalho e estudo, de convivência social e de melhoria da qualidade de vida ou até mesmo de forma explícita, como acontece nas redes sociais, em que as pessoas têm a coragem e o desplante de falar francamente de suas ideias e preconceitos, ainda que a injúria racial seja crime no País. (BERLEZE; PEREIRA, 2017, p. 2)

Dessa forma, com o racismo fazendo parte das estruturas da sociedade brasileira e estendendo-se ao mundo virtual, o mesmo torna-se ainda mais contagioso e perigoso para o mundo em geral. O vídeo de Nando Moura, vídeo (já deletado do *YouTube*) “Consciência Negra?? A verdade que não contaram” e “Taís Araújo e sua Consciência Negra”, são exemplos de como o tema não devem ser abordados, pois, no primeiro, manipula conhecimentos acadêmicos sobre a escravidão e Zumbi dos Palmares para valorizar o argumento de que Zumbi não deve ser homenageado como símbolo do dia da Consciência Negra e, no segundo,

minimiza o racismo por meio de uma crítica a um depoimento da atriz Taís Araújo, presente no Canal TEDx Talks<sup>11</sup>.

Assim, é de extrema importância que as escolas dêem maior atenção a este novo fenômeno do tempo presente, o racismo propagado pela internet. Para que crimes de racismo e injúria racial sejam combatidos com uma educação antirracista, e que a sociedade brasileira supere esta nítida realidade que muitos ainda fazem questão de invisibilizar.

### 1.3.1 Discurso racista na internet

Quando falamos sobre racismo na internet, evidencia-se que com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação, pessoas com perfis virtuais têm divulgado ideias discriminatórias e racistas pela internet de maneira bastante banalizada, escondendo-se através de uma falsa compreensão do princípio de liberdade.

Figuras públicas como as atrizes Taís Araújo, Sheron Menezes e a jornalista Maria Júlia Coutinho já foram vítimas de inúmeros ataques racistas na internet. Segundo Salazar (2015)<sup>12</sup>, em 2015, a jornalista Maria Júlia Coutinho sofreu ataques racistas nas redes sociais, ofensas como: “preta imunda”, “macaca” e “puta africana” foram direcionadas a ela. No mesmo ano, a atriz Taís Araújo também foi alvo de ataques racistas a partir de comentários como: “cabelo de esfregão”, “negra escrota” e “parece um animal”. Ainda em 2015, comentários racistas também foram dirigidos à atriz Sheron Menezes com postagens direcionadas à ela que diziam: “não paguei a conta de internet para ver tudo em branco e preto”, “munição de churrasqueira”, etc.

A partir dos comentários racistas citados, nota-se que os mesmos buscam ofender e deslegitimar a humanidade de pessoas negras. Os casos foram parar na Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática (DRCI) e os suspeitos foram detidos. Atualmente, o Marco Civil da Internet, lei nº 12.965/14, é responsável por controlar crimes relacionados à internet, o que é um avanço, porém, ainda

---

11TEDX TALKS. **Como criar crianças doces num país ácido**: Taís Araújo. São Paulo: TEDx, 2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=H2lo3y98FV4&t=6s&ab\\_channel=TEDxTalks](https://www.youtube.com/watch?v=H2lo3y98FV4&t=6s&ab_channel=TEDxTalks). Acesso em: 23 jan. 2022.

12SALAZAR, Vitor. **As reproduções de desigualdades em um novo espaço social e as iniciativas do Direito em regular tais espaços**. Universidade de Brasília, 2015.

insuficiente frente à sensação de impunidade contra crimes praticados através da internet.

Assim como as redes sociais, as plataformas de vídeos como o *YouTube*, também podem ser utilizadas para divulgar ofensas e ideias racistas. Recentemente, um *youtuber* bastante conhecido do público brasileiro, Júlio Cocielo, tornou-se réu por crime de racismo. O *youtuber* teria incitado a discriminação por meio de diversos comentários, dentre eles: “O Brasil seria mais lindo se não houvesse frescura com piadas racistas. Mas já que é proibido, a única solução é exterminar os negros”, publicado em seu perfil no Twitter. Segundo promotoria, o *youtuber* “reforça os estereótipos contra os negros numa mídia de largo alcance” e sua atividade profissional contribui “para incitação e proliferação do racismo e de todas suas consequências psíquicas, sociais, culturais, econômicas e políticas”<sup>13</sup>.

Outro caso semelhante é o do Canal *Xbox Mil Grau* do *YouTube* que, após pressão da sociedade, banuiu os vídeos da plataforma com acusações racistas, sexistas, discurso de ódio, homofobia e xenofobia. Em nota, o Canal negou as acusações dizendo que tudo não passava de “piadas”<sup>14</sup>.

Além de casos explícitos de racismo na internet, também encontramos a proliferação de ideias que negam o racismo, assim como negam inúmeros outros assuntos, a exemplo os adeptos da Terra Plana<sup>15</sup>. Considerando que o acesso a plataformas de vídeos só tem aumentado no Brasil e que, entre os jovens, denominados nativos digitais, o mundo digital é muito acessível, torna-se importante que os professores que lecionam para estes atentem para a questão do racismo propagado por meio da internet, sobretudo pelo Youtube, plataforma tão querida entre os jovens brasileiros.

O *youtuber* Nando Moura é bastante popular entre os jovens brasileiros, possui um linguajar e estilo descolado, bem próximo dos jovens de ímpeto rebelde e questionador. Em seu Canal no *YouTube*, divulga vídeos onde minimiza o racismo no Brasil ao defender, implicitamente, a existência de uma democracia racial no

---

13JÚLIO Cocielo vira réu por crime de racismo após denúncia do Ministério Público. **Folha de S. Paulo**, 15 set. 2020. Celebidades. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebidades/2020/09/julio-cocielo-vira-reu-por-crime-de-racismo-apos-denuncia-do-ministerio-publico.shtml>. Acesso em: 08 out. 2021.

14HENRIQUE, Jorge. Ultimato! Canal do “Xbox Mil Grau” está permanentemente suspenso do YouTube. **Windows Club**, 2020. Disponível em: <https://windowsclub.com.br/ultimato-canal-do-xbox-mil-grau-esta-permanentemente-suspenso-do-youtube/>. Acesso em: 08 out. 2021.

15Conjunto de ideias, refutadas pela ciência, que defendem a Terra com o formato de um plano.

país, além de manipular conhecimentos acadêmicos para defender a “demonização” de Zumbi dos Palmares. Para o mesmo, o racismo seria uma invenção da esquerda, a qual ele assumidamente combate em seus vídeos.

A argumentação do *youtuber* será analisada nos próximos capítulos, a partir da análise do vídeo “Consciência Negra?? A verdade que não contaram”, já retirado da plataforma de vídeos. Em seguida, a partir de outro vídeo: “Taís Araújo e sua Consciência Negra”, também de Nando Moura, será oferecido aos leitores uma proposta didática, a fim de sugerir uma intervenção pedagógica que auxilie no aprendizado sobre os temas abordados no vídeo e que possa contribuir no combate ao racismo.

Uma educação antirracista tem a cada dia demonstrado sua importância. Sobretudo porque a pauta do racismo também tem estado no discurso político do atual presidente da República, Jair Bolsonaro. O mesmo fez um pronunciamento no dia 21 de novembro de 2020, onde dizia:

Somos um povo miscigenado. Foi a essência desse povo que conquistou a simpatia do mundo. Contudo, há quem queira destruí-la, e colocar em seu lugar o conflito, o ressentimento, o ódio e a divisão entre raças, sempre mascarados de ‘luta por igualdade’ ou ‘justiça social. (ARCOVERDE, 2020, s.p.)<sup>16</sup>

A ideia de que o povo brasileiro é miscigenado e convive de forma harmônica e sem conflitos raciais, ou seja, em uma suposta democracia racial já foi comprovada, através de estudos, ser um mito. Porém, mesmo assim a negação do racismo é defendida pelo atual presidente do Brasil e discutida em redes sociais e plataformas de vídeos como sendo uma realidade nacional. *Youtubers* como Nando Moura proliferam a ideia de que não existe racismo no Brasil, e, se não existe, não há o que combater.

Segundo Reis (2020), desde a década de 1960, com a revolução digital ou informática, o mundo tem passado por um processo de mudança nas condições de vida e de trabalho de quase toda a humanidade. Para o autor, neste mesmo período, marcado por inúmeras crises, cresce uma *reação nacionalista*. Esta, também conhecida como *nacionalismo de direita*, tem aparecido com grande força em diferentes lugares do mundo, e trata-se:

<sup>16</sup>ARCOVERDE, Letícia. Por que o mito de que não existe racismo no Brasil persiste. **NEXO**, 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/11/21/Por-que-o-mito-de-que-n%C3%A3o-existe-racismo-no-Brasil-persiste>. Acesso em: 08 out. 2021.

de uma extrema-direita descomplexada, ativa e propositiva, de grande ativismo público, com frequentes incursões nas ruas, explorando as insuficiências e deficiências dos regimes democráticos, instrumentalizando-os quando convém, desfigurando-os “por dentro” e usando intensamente os mecanismos próprios da revolução digital. (REIS, 2020, p.3)

Essa extrema-direita no Brasil estaria, para Reis (2020), relacionada ao fenômeno do bolsonarismo, que se utiliza de recursos ligados ao mundo digital para firmar-se politicamente.

Assim, discursos racistas ou que negam o racismo tornaram-se recorrentes entre alunos no ambiente escolar, sobretudo no contexto de discussões políticas que marcaram as eleições de 2018 entre os então candidatos à presidência: Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT). Em 2018, o Brasil vivenciou um significativo papel da internet na propaganda eleitoral da maioria dos candidatos a cargos políticos. As *fake news* tornaram-se comuns, o negacionismo ganhou força no pensamento de boa parcela da população brasileira. Assim, muitas discussões políticas de cunho eleitoral passaram a fazer parte de assuntos em outras esferas: como a História e as ciências em geral. Dessa forma, temas como o racismo também foram politizados e disseminados amplamente na sociedade.

Ideias como a de que não existe racismo no Brasil, colocando-o como uma invenção da esquerda, ou a de que existe “racismo reverso” e o nazismo foi um fenômeno de esquerda, circulavam pelos corredores da escola e foram apresentadas em sala de aula naquele contexto eleitoral de 2018, em que a disputa pelo poder estava tão acirrada. Entretanto, tais idéias não sucumbiram com o término das eleições: elas ainda se fazem presente no discurso de muitos influenciadores, que se apropriaram politicamente das questões e, por isso, forma merecem nossa atenção.

### **1.3.2 Movimento negro e a internet**

O avanço e a popularização das novas tecnologias da comunicação e informação, apesar ainda das desigualdades no acesso, tornou-se na contemporaneidade um espaço importante também para narrativas negras ligadas ao ativismo negro que tem conquistado maior espaço nas mídias em geral.

De acordo com Silverstone (2002)<sup>17</sup>, o sistema midiático é onipresente e somos crescentemente dependentes dele: “é uma dimensão essencial da nossa experiência contemporânea” (SILVERSTONE, 2002, p. 12 apud CHAVES, 2014, p. 17). Contudo, por fazer parte de nossa constituição enquanto sujeitos, as mídias precisam ser estudadas

como dimensão social e cultural, mas também política e econômica, do mundo moderno. Estudar sua onipresença e sua complexidade. Estudá-la como algo que contribui para nossa variável capacidade de compreender o mundo, de produzir e partilhar seus significados. (SILVERSTONE, 2002, p. 13 apud CHAVES, 2014, p. 17)

Estudar o uso das mídias digitais pelos movimentos negros no Brasil é importante para a elucidação da luta no combate ao racismo no país em suas diversas facetas de compreensão: social, cultural, política e econômica. O movimento negro pode ser entendido como um “conjunto de entidades privadas integradas por afrodescendentes e enpenhadas na luta pelos seus direitos de cidadania” (LOPES, 2004, p. 455<sup>18</sup> apud CHAVES, 2014, p. 14). Logo, este, a cada dia tem conquistado maior espaço nas discussões midiáticas, mesmo ainda sendo desigual sua influência no mundo virtual.

Segundo reportagem publicada pela UOL<sup>19</sup>, mesmo os negros sendo maioria na população brasileira, correspondendo a 54% da população, de acordo com os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), ainda existe um abismo quando o assunto é sua visibilidade na internet, “dados do ranking Social mostram que apenas oito dos 100 maiores canais do *YouTube* são pertencentes à pessoas negras”.

Dessa forma, é importante salientar que a utilização das novas tecnologias do mundo contemporâneo tornou-se também um instrumento político de extrema relevância.

A política que aparece e que pode ser defendida em torno da mídia é uma política de acesso e regulamentação, e a política que pode ou não ser possibilitada dentro da mídia é uma política da participação e da representação, em ambos os sentidos da palavra, em que novas

---

17SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

18LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2004.

19MALIA, Ashley. Conheça 10 influenciadores para seguir e acompanhar. **UOL**, 2020. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/digital/noticias/2146941-conheca-10-influenciadores-negros-para-seguir-e-acompanhar>. Acesso em: 08 out. 2021.

formas de democracia podem surgir; ou, de fato, novas formas de tirania. (SILVERSTONE, 2002, p. 58 apud CHAVES, 2014, p. 36)

Assim, a luta do movimento negro pela participação e representatividade na internet torna-se bastante compreensível, uma vez que se trata de um meio favorável às disputas políticas, onde a população negra reivindica efetivo direito a cidadania. E por outro lado, parte da sociedade brasileira utiliza como meio de proliferação do racismo.

Recentemente, a visibilidade do movimento negro tem aumentado nas mídias brasileiras por conta do assassinato do afro-americano George Floyd em maio de 2020 nos Estados Unidos, o mesmo foi televisionado ganhando repercussão mundial. Segundo a reportagem publicada pela UOL:

[...] a pauta do racismo ganhou espaço nas mídias em 2020 e escancarou problemas estruturais que sempre foram negados pelo Brasil, que historicamente se apoia no reforço do discurso da democracia racial. Com isso, chamou-se atenção para a importância de falar sobre antirracismo e de consumir o conteúdo de criadores negros, que abordam não só a pauta racial como também falam sobre outros assuntos, como moda, maquiagem, humor e finanças. (MALIA, 2020, s.p.)

Após o assassinato de George Floyd, pautas antirracistas ganharam maior espaço nas mídias em geral, o que resultou em uma maior reflexão da sociedade sobre o tema. Nota-se, contudo, que a morte do afro-americano ganhou grande repercussão midiática devido a utilização das novas tecnologias que proporcionaram a filmagem e o compartilhamento em massa do ocorrido. Destacando assim, o modo como o mundo virtual pode impactar na vida em sociedade.

Ainda como consequência do ocorrido com George Floyd, em outubro de 2020, o *YouTube* lançou o *Fundo Vozes Negras*, comprometendo-se com o investimento financeiro em artistas e criadores de conteúdos na plataforma de vídeos. Segundo a plataforma, a ideia seria combater a injustiça racial dando visibilidade aos influenciadores negros. O *YouTube* divulgou que seriam investidos 100 milhões de dólares, por pelo menos três anos, para ajudar os influenciadores negros da plataforma na produção de seus vídeos<sup>20</sup>.

---

20SCHNAIDER, Amanda. Por que o YouTube vai promover narrativas negras? **Meio e mensagem**, 2021. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2021/01/15/por-que-o-youtube-quer-promover-narrativas-negras.html>. Acesso em: 08 out. 2021.

Anteriormente ao Fundo Vozes Negras, o *YouTube* já havia se mobilizado, ainda que timidamente, para a importância de se falar sobre o racismo e dar visibilidade à população negra do Brasil. Desde 2015, a brasileira Bibiana Leite, diretora de Desenvolvimento de Parcerias de Conteúdo, é líder do programa #YouTubeBlack no Brasil e, de acordo com a brasileira, o programa busca reunir “criadores negros que utilizam a plataforma como um meio de alçar sua voz e que tem como objetivo falar de questões raciais com pessoas que tenham o lugar de fala sobre o assunto”<sup>21</sup>.

Tais ações do *YouTube*, ainda que insuficientes, tem possibilitado uma maior visibilidade de influenciadores negros na plataforma, que utilizam o Canal como instrumento de combate ao racismo, de representatividade e visibilidade da população negra no Brasil.

O *youtuber* Ad Junior<sup>22</sup>, hoje com 82,5 mil inscritos, é um exemplo de influenciador negro com pautas antirracistas bastante notável na plataforma. O mesmo, segundo reportagem jornalística<sup>23</sup>, estreou em seu Canal em novembro de 2020, uma série chamada “*Negro Futuro*”, onde o *youtuber* e convidados fariam projeções de cenários onde os negros estão inseridos na sociedade de forma igualitária e com protagonismo em suas ações. A *youtuber* Nátaly Neri<sup>24</sup> é outro exemplo, onde a influência na plataforma é ainda maior, a mesma chegou aos 771 mil inscritos desde a estreia de seu *Canal no YouTube* em 2015. Em seu Canal Neri fala sobre moda, beleza e engajamento político e social.

Entretanto, o racismo não é debatido apenas por negros antirracistas; na plataforma encontramos brancos com pautas antirracistas, além de negros e brancos que negam o racismo no Brasil, de forma explícita ou implícita, a partir da ideia do mito da democracia racial. Nando Moura é um exemplo de *youtuber* que defende a não existência do racismo no Brasil, ao minimizar atos racistas que ganham repercussão midiática, como no caso dos ataques racistas à atriz Taís

21TROJAIKE, Laísa. YouTube Black 2020 - Evento online irá repercutir o mês da Consciência Negra. **Canaltech**, 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/entretenimento/youtube-black-2020-evento-online-ira-repercutir-o-mes-da-consciencia-negra-174931/>. Acesso em: 08 out. 2021.

22ADJUNIOR. **Canal Ad JR**. YouTube, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/ADJUNIOR1>. Acesso em: 08 out. 2021.

23REDAÇÃO, Da. Ad Junior estreia série “Negro Futuro” no YouTube. **ISTOÉ**, 09 de nov. de 2020. Cultura. Disponível em: <https://istoe.com.br/ad-junior-estreia-serie-negro-futuro-no-youtube/>. Acesso em 08 out. 2021.

24NERI, Nátaly. **Canal Nátaly Neri**. YouTube, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/NatalyNeri>. Acesso em: 08 out. 2021.

Araújo que polemiza em seu vídeo *“Taís Araújo e sua Consciência Negra”*<sup>25</sup>. Segundo Chaves (2014) o racismo, como conhecemos no Brasil até hoje, começa a se estruturar no final do século XIX e início do século XX, “época em que o Brasil vivia um complexo contexto histórico permeado por acontecimentos como a abolição da escravatura, a proclamação da República e a chegada da concepção eugenista à ciência brasileira” (CHAVES, 2014, p. 65). A partir de então, cientistas eugenistas passaram a criticar a miscigenação, considerando-a “o motivo da degeneração do povo e do atraso no desenvolvimento da nação” (CHAVES, 2014, p. 66), além de considerarem os negros como “inferiores”. Porém, de acordo com Chaves (2014), a eugenia não foi implementada de fato no Brasil, e para resolver problemas internos a elite brasileira à época elaborou o que ficou conhecido como branqueamento.

A elite brasileira ofereceu uma resposta engenhosa. Inverteu o pressuposto básico dos supremacistas brancos. Aceitou a doutrina da superioridade branca inata, mas argumentou que, no Brasil, o branco prevalecia através da miscigenação. Ao invés de “mongrelizar” a raça, a mistura racial estava “embranquecendo” o Brasil. Longe de ser uma ameaça, a miscigenação era a salvação do Brasil. Já que não havia meios para prová-lo cientificamente, os brasileiros simplesmente reiteravam que a experiência brasileira sustentava seus argumentos. (SKIDMORE, 1991, p. 7 apud CHAVES, 2014, p. 68)

Assim, por meio do branqueamento, a miscigenação tornou-se sinônimo de progresso para a sociedade brasileira. No mesmo contexto, surge a preocupação do governo e das elites brasileiras em construir uma identidade nacional, para tanto, o Estado Brasileiro inicia uma política de esquecimento do período escravocrata. Foi quando, na década de 1930, surgiu a ideia de que o Brasil vive uma democracia racial, onde índios, negros e brancos, unem-se harmonicamente para construir o Brasil (CHAVES, 2014).

Contudo, ainda hoje, muitos defendem a ideia da democracia racial no Brasil. Entretanto, teóricos da Escola Paulista de Sociologia, dentre eles Florestan Fernandes, ao procurar entender (entre as décadas de 1940 e 1960) as explicações para as desigualdades raciais entre os brasileiros, constataram que a noção de democracia racial, então propagada, era um artifício simbólico de dominação política

---

<sup>25</sup>CAGNIN, Luis. **Taís Araújo e sua Consciência Negra**. Youtube, 20 de nov. de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eokS3qiCijM&t=11s>. Acesso em: 08 out. 2021.

utilizado para desmobilizar a população negra e reforçar o preconceito racial (GUIMARÃES, 2003<sup>26</sup>; IANNI, 1996<sup>27</sup> apud CHAVES, 2014, p. 70).

Através destes estudos evidenciou-se que a democracia racial não passava de um mito. Logo, compreende-se que a persistência na crença da convivência harmônica entre índios, negros e brancos provavelmente ocorre por questões políticas, intencionalmente provocadas para desmobilizar a população negra e reforçar o preconceito racial, assim como evidenciaram ser o caso estudado pelos teóricos da Escola Paulista de Sociologia entre as décadas de 1940 e 1960.

Dessa forma, é importante a presença desta discussão entre a população brasileira em geral, que hoje pode estar consumindo conteúdos pela internet que colaboram para a defesa do racismo. Levar aos estudantes a complexidade das diferentes narrativas sobre o tema que circulam na internet, sobretudo no *YouTube*, é contribuir para uma sociedade mais crítica e antirracista.

---

26GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com “raças” em sociologia. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 93 – 107, 2003.

27IANNI, Octávio. A sociologia de Florestan Fernandes. **Estudos Avançados**, v.10, n. 26, p. 25 – 33, 1996.

## CAPÍTULO 2 – CANAL NANDO MOURA E SUAS NARRATIVAS

### 2.1 O Canal: breve análise

O canal Nando Moura<sup>28</sup> é descrito como sendo um ambiente para comentários sobre música, filosofia, economia, teologia, política e atualidades. Em 19 de outubro de 2019, o canal possuía 3,34 milhões de inscritos; já em 17 de abril de 2020, diminuiu para 3,17 milhões. É possível que o *youtuber* esteja perdendo seguidores devido ao seu afastamento e discordâncias políticas com o atual Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro.

O autor e protagonista dos vídeos é conhecido como Nando Moura, se apresenta ao público com um visual bastante dinâmico: num primeiro momento bastante rebelde (cabelos compridos e barbudo), mais recentemente bastante discreto (cabelos cortados e barba feita). Fala alto e de forma agressiva, gesticula bastante e satiriza seus opositores. Diz-se amante da música (metaleiro), contestador, alinhado a um discurso conservador e crítico a uma política que ele chama de “esquerdista”. Há um link em seu canal que direciona o internauta para uma livraria intitulada Livraria Nando Moura<sup>29</sup>. Nesta, Moura coloca à venda os livros que indica em seus vídeos e outros que abrangem seu universo de interesses.

Luis Fernando de Moura Cagnin é seu nome completo; em seu site<sup>30</sup> descreve-se da seguinte maneira:

Nando Moura iniciou os estudos em música aos 7 anos de idade, tocando órgão elétrico. Mais tarde perdeu o interesse pelo instrumento, em grande parte pelos maus professores e repertório desestimulante. Aos 14 anos voltou-se para a guitarra ao ouvir um dos discos da banda Blind Guardian. Foi autodidata e começou a lecionar aos 17 anos de idade. Paralelamente, estudou com Kiko Loureiro (Medadeth), Zeca Loureiro, Joe Moghrabi, Luiz Stelzer (violão erudito), Maestro Miguel Laprano, Ana Maria e muitos outros. Estudou música na Europa, Faculdade de Rotterdam - Holanda. Durante esse tempo também lecionou e foi integrante de algumas bandas covers. Além de idealista da banda Pandora101 da qual é compositor, guitarrista e vocalista, produz e grava em seu estúdio

<sup>28</sup>CAGNIN, Luis. **Canal Nando Moura**. Youtube, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/MrNandomoura101>. Acesso em: 07 jul. 2020.

<sup>29</sup><https://livraria.nandomoura.com/>

<sup>30</sup>CAGNIN, Luis. **Nando Moura**: sideman professor produtor. Disponível em: <http://www.nandomoura.com/>. Acesso em: 07 jul. 2020.

artistas de diversos gêneros e estilos. Compõe trilhas sonoras e jingles para finalidades diversas como games e filmes. Também leciona aulas de música, guitarra e violão, presencialmente e também por Skype para outros Estados e países. (MOURA, 2020, s.p.)

De acordo com sua auto-descrição, Nando Moura apresenta-se com características peculiares da juventude, atraindo jovens que se interessam por músicas nada populares à maioria dos brasileiros. Característica que muitas vezes tende a considerar determinados estilos musicais como superiores culturalmente. Julgamento que podemos observar em outros temas abordados pelo *youtuber*.

Alegadamente, Nando Moura desfruta da renda proveniente de seu trabalho como professor de música, disponibilizando-se para aulas presenciais ou via Skype. Nando lucra como *youtuber*, com sua livraria virtual, com a venda do livro *Mestres do Capitalismo* (2019), de sua autoria com Ramiro Gomes Ferreira, ministrando cursos online como o Master Class Nando Moura<sup>31</sup> (um grupo de estudos aparentemente sobre assuntos diversos) e com o seu mais recente projeto, em parceria com o Clube do Valor<sup>32</sup> (site que produz e vende conteúdos relacionados a negócios e empreendedorismo), o curso *Mestres do Capitalismo*<sup>33</sup>. Nando também anuncia em seu canal algumas propagandas e a venda de outros cursos: como o Curso de Inglês Junior Silveira<sup>34</sup> e Brasil Paralelo<sup>35</sup>, produtora que se descreve como sendo 100% independente e que busca transformar a cultura por meio da educação.

Quanto aos vídeos relacionados a temáticas históricas, Nando Moura diz que possui o conhecimento da verdade que os professores de História, que ele chama de comunistas, não ensinam. Recentemente alguns vídeos relacionados ao assunto têm sido excluídos do canal. No geral, observa-se uma mudança de comportamento do *youtuber*, desde que, após fazer campanha de apoio ao então candidato à Presidência da República, Jair Messias Bolsonaro, tornou-se seu opositor no início do ano de 2020.

Nota-se que boa parte dos posicionamentos políticos do *youtuber* e de

31 CAGNIN, Luis. **Master Class Nando Moura**, 2018. Disponível em: <https://nandomoura.kpages.online/venda>. Acesso em: 18 jul 2020.

32 FERREIRA, Ramiro Gomes; STRACK, Bruno. **Clube do Valor**, 2022. Disponível em: <https://clubedovalor.com.br/>. Acesso em: 14 mai. 2020.

33 MOURA, Nando; FERREIRA, Ramiro Gomes. **Mestre do Capitalismo**. Disponível em: <https://mestresdocapitalismo.com.br/>. Acesso em: 18 jul 2020.

34 SILVEIRA, Junior. **Junior Silveira**. Disponível em: <https://juniorsilveira.com.br/>. Acesso em: 18 jul 2020.

35 LHT Higgs Produções Audiovisuais Ltda. **Brasil Paralelo**, 2020. Disponível em: <https://site.brasilparalelo.com.br/series/patria-educadora/>. Acesso em: 18 jul 2020.

Bolsonaro estão associados ao pensamento de Olavo de Carvalho, que tem sido muito influente entre os seguidores do atual presidente; porém, observa-se recentemente que muitos têm se afastado de seus posicionamentos por discordâncias políticas no pós-eleição, e Nando Moura é um desses.

Olavo de Carvalho é um personagem importante para entendermos a dinâmica do canal em questão, pois é visível, em muitas falas de Nando Moura, o quanto foi influenciado por ele, a quem chamava de professor e fora aluno em um curso online de filosofia<sup>36</sup>.

No site onde divulga o seu curso, Carvalho descreve que:

[...] a tônica de sua obra é a defesa da interioridade humana contra a tirania da autoridade coletiva, sobretudo quando escorada numa ideologia “científica”. Para Olavo de Carvalho, existe um vínculo indissolúvel entre a objetividade do conhecimento e a autonomia da consciência individual, vínculo este que se perde de vista quando o critério de validade do saber é reduzido a um formulário impessoal e uniforme para uso da classe acadêmica [...] e que sua obra [...] tem ainda uma vertente polêmica, onde, com eloquência contundente e temível senso de humor, ele põe a nu os falsos prestígios acadêmicos e as falácias do discurso intelectual vigente. Seu livro *O Imbecil Coletivo: Atualidades Inculturais Brasileiras* (1996) granjeou para ele bom número de desafetos nos meios letrados, mas também uma multidão de leitores devotos, que esgotaram em três semanas a primeira edição da obra, e em quatro dias a segunda. (CARVALHO, 2020)

Quando Olavo de Carvalho (2020) diz por “a nu os falsos prestígios acadêmicos e as falácias do discurso intelectual vigente”, Nando Moura compactua com o seu professor, o que é observado em vários de seus vídeos onde despreza o conhecimento acadêmico e/ou dos professores em geral, mas principalmente daqueles que estudam e ministram componentes na área de humanidades. A justificativa de tal pensamento evidencia-se em uma palestra<sup>37</sup> de Olavo de Carvalho realizada no I Encontro da Juventude Conservadora da Universidade Federal do Maranhão, 5 de agosto de 2016, via videoconferência, onde afirma que: “a ciência aprofunda o conhecimento em certos pontos bem determinados, mas, no que diz respeito à existência geral do ser humano, o senso comum, os instintos, a intuição

---

<sup>36</sup>CARVALHO, Olavo de. **O curso online de filosofia**. Seminário de Filosofia. Disponível em: <https://www.seminariodefilsosofia.org/o-curso-online-de-filosofia/>. Acesso em: 14 mai. 2020.

<sup>37</sup>CARVALHO, Olavo de. **Sobre o futuro do pensamento brasileiro**, 2016. Disponível em: <http://olavodecarvalho.org/sobre-o-futuro-do-pensamento-brasileiro/>. Acesso em: 14 mai. 2020.

continuam funcionando muito melhor”. (CARVALHO, 2016, s. p.)

Assim, critica o conhecimento acadêmico e as universidades brasileiras e diz que por conta de um interesse de classe, estas selecionam materiais de forma ideológica, uma vez que só entram nelas duas correntes de pensamento complementares: o marxismo e o positivismo. Para Carvalho, o que é feito é mais do que doutrinação, é uma propaganda, onde 90% do que deveria ser estudado é excluído do programa universitário. Assim, para ele, 50% dos formados em universidade são analfabetos funcionais e conseqüentemente, pelo menos, 50% dos professores também.

Observa-se que Carvalho constrói sua narrativa contra as universidades e professores, não sugestivamente por encontrar-se fora das produções acadêmicas, mas porque acredita em uma conspiração mundial da esquerda para tomar o poder.

Sobre o assunto, escreveu no jornal *O Globo*, em 08 de junho de 2002, um artigo intitulado de “Do Marxismo Cultural”<sup>38</sup>. Segundo o artigo de opinião, Olavo de Carvalho escreve que, após a Revolução Bolchevique de 1917 e o socialismo não terem conseguido expandir-se mundialmente, o fato passou a ser um problema para os revolucionários. Para Olavo de Carvalho, Gyorgy Lukács<sup>39</sup> teria encontrado o culpado: era a “cultura ocidental”, a qual a esquerda passou a desde então a atacar. De acordo com Olavo de Carvalho na matéria, a Escola de Frankfurt<sup>40</sup>, “abandonando as ilusões de um levante universal dos proletários, passou a dedicar-se ao único empreendimento viável que restava: destruir a cultura ocidental” (CARVALHO, 2002, s. p.). Assim, Antônio Gramsci<sup>41</sup>, teria descoberto a Revolução Cultural, segundo Olavo de Carvalho, a quarta modalidade de marxismo: o marxismo cultural, que, em vez de transformar a condição social para mudar as mentalidades, iria mudar as mentalidades para transformar a condição social. Assim,

---

38CARVALHO, Olavo de. **Do Marxismo Cultural**, 2002. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/do-marxismo-cultural/>. Acesso em: 14 mai. 2020.

39Gyorgy Lukács (1885-1971) foi um filósofo e historiador literário húngaro. Lukács é amplamente descrito como o mais proeminente intelectual marxista da era stalinista. Ele foi um dos fundadores do marxismo ocidental, uma tradição interpretativa que se afastou da ortodoxia marxista ideológica da União Soviética.

40Escola de Frankfurt é uma vertente de teoria social e filosofia, particularmente associada ao Instituto para Pesquisa Social Universidade de Frankfurt, na Alemanha. A escola inicialmente consistia de cientista sociais marxistas, seus escritos apontaram para a possibilidade de um caminho alternativo para o desenvolvimento social.

41Antônio Gramsci (1891-1937) foi um filósofo marxista, jornalista, crítico literário e político italiano. Escreveu sobre teoria política, sociologia, antropologia e linguística. Foi membro-fundador e secretário geral do Partido Comunista da Itália, sendo preso pelo regime fascista de Benito Mussolini.

segundo o mesmo artigo, em poucas décadas, o marxismo cultural passou a ser influência predominante nas universidades e nas mídias em geral. Carvalho (2002) conclui dizendo que, hoje, dificilmente se encontrará produções culturais ou livros didáticos “onde as crenças do marxismo cultural, no mais das vezes não reconhecidas como tais, não estejam presentes com toda a virulência do seu conteúdo calunioso e perverso” (CARVALHO, 2002, s. p.).

Dessa forma, podemos observar que o motivo pelo qual Nando Moura, a exemplo de Olavo de Carvalho, menospreza os docentes brasileiros, dizendo que falta-lhes a verdade, está na crença de que existe uma ideologia denominada “marxismo cultural”. O mesmo compreende-se como um plano da esquerda para alcançar o poder e instaurar o socialismo a partir de uma mudança de valores na cultura conservadora da sociedade ocidental. Neste contexto, a educação se apresenta como um importante elemento de disputa para conservadores como Nando Moura, pois são em universidades e escolas que boa parte dos saberes se disseminam e valores são transmitidos. Observa-se assim, que os olavistas acreditam tanto na teoria gramsciana que utilizam-se da mesma estratégia a fim de proporcionar uma virada cultural conservadora, por meio da educação, com cursos, livros, divulgação de conteúdo, etc.

A partir do mesmo raciocínio, torna-se visível que muitas medidas políticas tomadas pelo governo Bolsonaro no tocante à cultura e à educação se baseiam na crença da existência de um marxismo cultural. Assim como fica evidente, a razão pela qual o livro *O Imbecil Coletivo: Atualidades Inculturais Brasileiras* (1996) atrai a Olavo de Carvalho um bom número de desafetos nos meios letrados e uma multidão de leitores devotos, dentre eles Nando Moura. Pois, mesmo que atualmente faça críticas a Carvalho, ainda observa-se no *youtuber* todo um embasamento teórico olavista na estrutura de seus vídeos.

Os desentendimentos entre o *youtuber* e Olavo de Carvalho começaram após Nando Moura iniciar sucessivas críticas ao governo de Bolsonaro, com as quais Carvalho não concorda, passando a desqualificá-lo em seu próprio canal<sup>42</sup>. Após o episódio, Nando decidiu excluir as obras de Olavo de Carvalho de sua livreria e segue criticando-o, assim como tem feito ao presidente. Nando Moura enumera, no

---

42CARVALHO, Olavo de. **Canal Olavo de Carvalho**, 2007. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/olavodeca/search?query=bolsonaro>. Acesso em: 07 jul. 2020.

vídeo “Bolsonaro – Lista de Traições”<sup>43</sup>, uma lista, segundo ele, não atualizada, de motivos pelos quais Bolsonaro, desde metade de 2019, começou a trair a nação brasileira, assim não merecendo mais o seu apoio.

No vídeo o *youtuber* cita uma lista com os seguintes itens: sancionou o fundo eleitoral; sancionou o juiz de garantias; sancionou a lei de abuso de autoridade; sancionou a limitação da delação premiada; sancionou a restrição da prisão preventiva; sancionou o pagamento de advogados com dinheiro do fundo partidário; sancionou mudança do COAF para o Banco Central; quis indicar o filho para ser embaixador; omitiu-se quanto a Lava Toga e o fim da prisão em 2ª instância; mandou o filho apagar postagem a favor da prisão em 2ª instância; nomeou Aras na PGR; nomeou André Mendonça na AGU; nomeou líderes do centrão no Senado e na Câmara; Admar Gonzaga, ex advogado da Dilma, secretário-geral do Aliança; Luiz Belmonte (fez doações para legendas da esquerda) vice-presidente do Aliança; condecorou Maia, Alcolumbre e Toffoli; não demitiu laranjas do governo (chefe da SECOM e Ministro do Turismo); costurou acordo com o Congresso sobre o orçamento impositivo (PLN 4); desmentiu compromisso de campanha em indicar Moro na 1ª vaga do STF; descumpriu compromisso de campanha e não fechou a TV estatal EBC do Governo; descumpriu compromisso de campanha sobre reajustar tabela de imposto de renda.

A partir de então, Nando Moura declaradamente, de forma direta e objetiva, deixa de apoiar Bolsonaro e passa a fazer duras críticas ao seu governo. Em vídeos posteriores, Nando Moura diz que Bolsonaro não é um conservador, mas um reacionário que vai entregar o Brasil de bandeja para a esquerda voltar ao poder. Esta postura do *youtuber* reflete sua decepção com o governo Bolsonaro, Moura parece não acreditar mais no alinhamento do presidente com a fiel e genuína moral conservadora. Assim, deixando claro que mesmo tornando-se oposição ao governo de Bolsonaro e a Olavo de Carvalho, apresenta em sua fala uma forte influência da crença de seu “professor” na existência de uma conspiração esquerdista em curso no Brasil.

De maneira geral, no tocante ao canal Nando Moura, é possível dizer que o mesmo ganhou bastante repercussão a partir do período anterior às eleições do ano de 2018. O visual de músico rebelde apresentado por Nando Moura foi seu

---

43CAGNIN, Luis. **Bolsonaro – Lista de traições**, 2020. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5wdo0B3leMw>. Acesso em: 07 jul. 2020.

diferencial para dialogar com um público bastante jovem, ainda em idade escolar, que muitas vezes chegava e ainda chega em sala de aula repleto de posicionamentos olavistas. Da mesma forma, outros meios de comunicação, principalmente os virtuais, foram importantes para a eleição de Bolsonaro. Já que o candidato apresentava-se como uma alternativa conservadora e anti esquerdista que poderia salvar o país dos malefícios que o “marxismo cultural” estaria causando à família brasileira.

Ainda em 2008, em uma entrevista concedida ao *Jornal do Brasil*<sup>44</sup>, Olavo de Carvalho diz que, no Brasil, a verdadeira direita teria desaparecido e que o brasileiro é essencialmente um conservador, religioso, que acredita na família e no trabalho. Enfatiza que um governo de direita no Brasil, deveria ter, em primeiro lugar, um enfoque moral, religioso e tradicional. Não à toa, o candidato Bolsonaro apresenta-se dez anos depois como o político ideal para se opor ao governo e a toda uma cultura esquerdista denunciada por Olavo de Carvalho.

O canal Nando Moura, apresenta-se dessa forma, como um meio eficiente da propaganda olavista. Um meio pelo qual a sociedade brasileira sentiu-se atraída devido suas características históricas pautadas em valores cristãos como o da família. Um meio que dialoga, principalmente com a juventude, ávida pela curiosidade e afeita às teorias conspiratórias. Por fim, um meio pelo qual os professores necessitam melhor conhecer, para que assim possam desenvolver estratégias que melhorem a relação de aprendizagem nas escolas brasileiras.

Dentre os vídeos disponíveis no canal Nando Moura, podemos dizer que boa parte deles são destinados a assuntos relacionados à educação e sua relação com a política. As escolas brasileiras são narradas por Nando Moura como produtoras de analfabetos funcionais, pois, segundo ele, existe na educação do país uma ideologia esquerdista muito forte, sendo que a educação no país só irá melhorar quando o patrono da educação brasileira deixar de ser Paulo Freire, identificado por ele como um “comunista sem vergonha”.

Observa-se em seus vídeos que temas como feminismo, identidade de gênero, racismo, socialismo, nazismo, ditadura brasileira, entre outros, são abordados a partir de uma perspectiva ideologicamente favorável a um discurso da direita conservadora do país. Assim, é possível dizer que o vídeo “Consciência

---

<sup>44</sup>CARVALHO, Olavo de. **Educar todo mundo não funciona**, 2008. Disponível em: <http://olavodecarvalho.org/educar-todo-mundo-nao-funciona/>. Acesso em: 07 jul. 2020.

Negra?? A verdade que não contaram” foi construído a partir de críticas a uma historiografia marxista a respeito de Palmares e o dia da Consciência Negra, que demonstra-se favorável a uma ideologia da direita conservadora brasileira.

## 2.2 Consciência negra? a verdade que não contaram: descrição do vídeo

O vídeo<sup>45</sup> se inicia com o Nando Moura dizendo que é dia da Consciência Negra e que para ele a discriminação é uma coisa “imunda”. Discriminar pela cor da pele, do gênero e da nacionalidade seria para ele “uma vergonha que avilta contra a própria dignidade do ser humano”. Ainda segundo Nando Moura, “uma das maiores vergonhas do Brasil seria ter mantido por tanto tempo a escravidão e, além disso, devemos nos lembrar todos os dias que os responsáveis pela abolição da escravatura, neste país, foram os conservadores”. Acrescenta que ele próprio se considera um conservador e que sem eles o mundo não se livraria do “estigma da escravidão”. Segue dizendo que “no Oriente Médio ainda estão decidindo se vale a pena ou não ter escravos hoje em dia, os muçulmanos ainda não sabem, alguns acham que sim, outros que não”.

O autor do vídeo prossegue dizendo que existem algumas distorções históricas a respeito do dia da Consciência Negra que ele acha relevante explicar para o público, que “o dia da Consciência Negra foi escolhido como sendo o dia de Zumbi dos Palmares, mas que Zumbi dos Palmares tinha escravos e pensava como um homem da época dele, que tinha escravos”.

Relata que o maior sonho de um negro escravo liberto no Império brasileiro era ter outros escravos e prossegue lendo um trecho de um livro: “Por volta de 1830, o escravo José Francisco dos Santos conquistou a liberdade, depois de anos trabalhando forçado na Bahia viu-se livre da escravidão, provavelmente comprando sua própria carta de alforria ou ganhando-a de algum amigo rico”.

Complementa que este livro que está lendo é o Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil (2009)<sup>46</sup>, do Leandro Narloch<sup>47</sup>. E continua a leitura: “Estava

---

45CAGNIN, Luis. **Consciência Negra?? A verdade que não contaram**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SOYMeedH3l8&t=3s> [fora do ar] Acesso em: 19 out. 2019.

46NARLOCH, Leandro. **Guia politicamente incorreto da história do Brasil**. São Paulo: Leya, 2009.

47Leandro Narloch é um curitibano nascido em 1978 que graduou-se em jornalismo e segue escrevendo para diferentes grupos midiáticos da atualidade. Ganhou notoriedade ao publicar, em 2009, o livro Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil, considerado por muitos como um livro pseudo-histórico e negacionista, que apresenta uma visão conservadora da História do Brasil.

enfim livre do sistema que o tirou da África quando jovem, jogou-o num navio imundo e o trouxe amarrado para uma terra estranha. José tinha uma profissão, havia trabalhado cortando e costurando tecidos, o que lhe rendeu o apelido de Zé Alfaiate. No entanto, o ex-escravo decidiu dar um outro rumo a sua vida, foi operar o mesmo comércio do qual fora vítima. Voltou à África e tornou-se traficante de escravos, casou-se com uma das filhas do Francisco Félix de Sousa, o maior vendedor de gente da África Atlântica, e passou a mandar ouro, negros e azeite de dendê para vários portos da América e da Europa. Foi o fotógrafo e etnólogo Pierre Verger que encontrou com o Neto de Zé do Alfaiate uma coleção de 112 cartas pelo ex-escravo. As mensagens foram enviadas entre 1844 e 1871 e tratam de negócios com Salvador, Rio de Janeiro, Havana (Cuba), Bristol (Inglaterra) e Marselha (França). Em 22 de outubro de 1846, numa carta para um comerciante da Bahia, o traficante conta que teve problemas ao realizar um dos atos mais terríveis da escravidão - marcar os negros com ferro incandescente”. Continua citando um trecho do livro relativo à carta do Zé do Alfaiate: “por esta goleta (complementa dizendo que era uma espécie de escuna) embarquei por minha conta em nome do senhor Joaquim de Almeida 20 balões (complementa dizendo que balões eram escravos), sendo 18 homens e 08 mulheres com a marca S no seio direito. Eu vos alerto que a marca que vai na listagem geral é V seio, mas como o ferro quebrou durante a marcação (complementa que quebrou com tanta força que ele ferrava seus irmãos negros) não houve então outro remédio senão marcar com ferro S ao invés do V”.

Prossegue sua argumentação dizendo que a tribo de Zumbi, os imbangalas, era “uma tribo absolutamente terrível” e lê mais um texto do mesmo livro: “Os imbangalas viviam de um modo similar ao dos moradores do Quilombo dos Palmares. Guerreiros temidos, eles habitavam vilarejos fortificados, de onde partiam para saques e sequestros dos camponeses de regiões próximas. Durante o ataque a comunidades vizinhas, recrutavam garotos, que depois transformariam em guerreiros, e adultos para trocar por ferramentas e armas com os europeus. Algumas mulheres conquistadas ficavam entre os guerreiros como esposas”. Nando complementa que “nem precisa dizer que aqui o estupro rolava a solta, muito parecido com aquele seriado, você deve ter visto na *Netflix*, chamado *Beasts of no Nation*”.

Continua a leitura do livro afirmando que as práticas dos imbangalas, segundo

ele “povo dos Zumbi dos Palmares”, tinha o propósito de “aterrorizar a população, em geral de encorajar as habilidades marciais, bravura na guerra, lealdade total ao líder militar e desprezo pelas relações de parentesco, afirma o historiador americano Paul Lovejoy”. Na sequência da leitura diz que “essas práticas incluíam a morte de escravos antes das batalhas, canibalismo e infanticídio” e que “tanta dedicação às guerras e sequestros fez dos imbangalas grandes fornecedores de escravos para a América”.

Nando Moura pula uma parte do texto e segue dizendo que “como as alianças com os portugueses às vezes se quebravam os guerreiros também achavam-se sendo escravizados”. Complementa falando que “provavelmente foi assim que os pais ou avós de Zumbi dos Palmares chegaram ao Brasil, mas que Zumbi dos Palmares era muito parecido com o tio dele, Ganga Zumba, também tinha escravos dentro da propriedade de Zumbi”. Aqui percebi que Nando Moura pula mais um trecho do livro.

Na sequência, Nando Moura afirma pela leitura que “para obter escravos os quilombolas faziam pequenos ataques a povoados próximos, os escravos que por sua própria indústria e valor conseguiam chegar a Palmares eram considerados livres” e “aqueles fugitivos que fugiam das fazendas e que chegavam ao Quilombo dos Palmares eram considerados homens livres, mas aqueles a quem Zumbi capturava, aí sim, serviam como escravos para Zumbi, mas os escravos raptados ou trazidos à força das vilas vizinhas continuavam escravos”, segundo a leitura de Narloch o trecho é uma afirmação de Edison Carneiro, no livro *O Quilombo dos Palmares*, de 1947.

Nando Moura continua sua argumentação afirmando que “no quilombo os moradores deviam ter mais liberdade do que fora dele, mas a escolha em viver ali deveria ser um caminho sem volta, o que lembra a máfia de hoje em dia”. Complementa dizendo que “uma vez estando no Quilombo dos Palmares, você gozava de algumas liberdades ali dentro próprias da época, mas você não poderia sair de lá na hora que quisesse, você não era um homem livre, você era um homem do Quilombo de Palmares”.

Na sequência diz que “quando alguns negros fugiam mandavam-lhe crioulos no encaço e uma vez pegos eram mortos de sorte que entre eles reinava o temor, afirma o capitão João Blaer”. E complementa dizendo que “consta mesmo que os palmaristas cobravam tributos em mantimentos, dinheiro e armas, dos moradores

das vilas e povoados, quem não colaborasse poderia ver suas propriedades saqueadas, seus canaviais e plantações incendiados e seus escravos sequestrados, afirma o historiador Flávio Gomes no livro: *Palmares*”.

Nando prossegue afirmando que “devem então estar-se perguntando quem transformou Zumbi dos Palmares neste grande ícone do dia da Consciência Negra”, diz que “antes de responder isso é preciso lembrar também que a palavra escravo vem da palavra eslavo, que é um povo branco de olhos azuis”. Diz ainda que “o que aconteceu foi que transformaram a história de Zumbi dos Palmares em uma fábula marxista” e continua a leitura de Narloch: “apesar disto Zumbi ganhou um retrato muito diferente de historiadores marxistas da década de 1950 e 1980, Décio Freitas, Joel Rufino dos Santos e Clóvis Moura fizeram do líder negro do século XVII um representante comunista que dirigia uma sociedade igualitária”. Nando pula outra parte do livro e segue a leitura dizendo que “nesta biografia de viés marxista há um esforço em caracterizar Palmares como a primeira luta de classes na História do Brasil, afirma a historiadora Andressa Barbosa dos Reis nos seus estudos de 2004”. Mais uma vez Nando Moura pula parte do livro que está lendo e diz “a ele, Zumbi, foram associados os valores da guerra, da coragem, do destemor e principalmente a postura de resistir continuamente às forças coloniais. Esta visão de Freitas foi a imagem do quilombo e de Zumbi que se cristalizou nas décadas de 1980 e 1990”.

Assim, o autor do vídeo conclui que o dia da Consciência Negra foi construído em cima de uma farsa da personalidade de Zumbi dos Palmares, uma personalidade que, segundo ele nunca existiu. Para ele quem libertou os escravos foram os conservadores, como ele que afirma ser conservador. Provoca dizendo que nunca a esquerda vai admitir isso: “Winston Churchill, conservador; Wilberforce, o maior abolicionista da Inglaterra, conservador; aqui no Brasil as correntes conservadoras acabaram com a escravidão; nos Estados Unidos, Abraham Lincoln, conservador”. E finaliza dizendo que nunca vão admitir isso, diz que “pegaram uma personalidade extremamente violenta, um escravagista, de uma tribo absolutamente violenta, sanguinária e genocida para transformar como ícone da Consciência Negra e agora você sabe!”

### 2.3 Consciência negra? a verdade que não contaram: análise do vídeo

O vídeo “Consciência Negra?? A verdade que não contaram”, do *youtuber* Nando Moura, não se encontra mais disponível em seu canal. Porém, é relevante que seu discurso seja ainda analisado por conta da influência que *youtubers* como ele possuem entre os jovens brasileiros. Justamente por, muitas vezes, ser contraditório, sobretudo em relação às questões delicadas e políticas, suas mensagens confundem a muitos, inclusive por conta da sua dinamicidade, retirando vídeos do ar quando aparentemente acha conveniente. Em suma, o vídeo faz uma crítica a figura de Zumbi dos Palmares, afirmando que o mesmo era um cruel escravagista, muito parecido com seus ascendentes africanos, segundo Nando os imbangalas. Complementa que Zumbi dos Palmares enquanto herói da resistência foi uma criação marxista que nada condiz com a verdade. Assim, coloca-se como o portador da verdade que, segundo ele, muitos querem esconder por questões ideológicas.

No entanto, as críticas feitas por Moura no vídeo se resumem às mesmas feitas por Leandro Narloch em seu livro *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil* (2009). O *youtuber* passa a maior parte do vídeo lendo trechos das páginas do referido livro e praticamente utiliza-se dos mesmos argumentos que o autor em sua contra-capá:

É hora de jogar tomates na historiografia politicamente correta. Este guia reúne histórias que vão diretamente contra ela. Só erros das vítimas e dos heróis da bondade, só virtudes dos considerados vilões. Alguém poderá dizer que se trata do mesmo esforço dos historiadores militantes, só que na direção oposta. É verdade. Quer dizer, mais ou menos. Este livro não quer ser um falso estudo acadêmico, como o daqueles estudiosos, e sim uma provocação. Uma pequena coletânea de pesquisas históricas sérias irritantes e desagradáveis, escolhidas com o objetivo de enfurecer um bom número de cidadãos. (NARLOCH, 2009)

A proposta do Narloch é criticar a historiografia marxista, que ele chama de falso estudo acadêmico, a partir de um ponto de vista ideológico que ele considera oposto, ou seja, conservador e de direita. No vídeo, Nando Moura apenas replica a proposta de Narloch, o que acaba ampliando o ponto de vista ideológico do autor.

Para melhor compreender o vídeo identificamos quatro temas importantes a serem analisados. O primeiro é a relação entre a abolição e o conservadorismo proposto por Moura, o segundo a questão que envolve a escravidão entre negros, o

terceiro trata-se da polêmica levantada pelo *youtuber* sobre a origem de Zumbi dos Palmares e o quarto e último aborda as narrativas sobre Zumbi e o Dia da Consciência Negra.

### 2.3.1 A Abolição e o conservadorismo

Em seu vídeo, Nando afirma que, graças aos conservadores, houve a abolição da escravidão no Brasil, diz-se conservador, mas não esclarece tais fatos e conceitos. Nando Moura utiliza-se, em grande parte de suas argumentações, das ideias do escritor e jornalista brasileiro Leandro Narloch, em *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil* (2009). Cita também, de forma aleatória e sem a devida contextualização, nomes de pesquisadores e historiadores renomados no que se refere à historiografia sobre o assunto.

Nando Moura aponta em seu vídeo que qualquer tipo de discriminação é “coisa imunda”, portanto coloca-se contrário à escravidão de forma clara e objetiva. Contraditoriamente, em outros vídeos de seu canal, minimiza o racismo no Brasil, defendendo que exista aqui uma democracia racial. Quando diz que os responsáveis pela abolição da escravidão foram os conservadores, assim como ele, o faz sem maiores explicações sobre o conceito e as evidências históricas.

Mesmo sendo impossível definir de maneira precisa o que é ser conservador, podemos elucidar dizendo que é “aquele que se opõe às mudanças, não aceitando inovações morais, sociais, políticas, religiosas, comportamentais; aquele que é muito apegado às tradições”<sup>48</sup>.

Segundo o filósofo conservador britânico Roger Scruton, citado como exemplo de conservadorismo em outros vídeos de Nando Moura, conservador é aquele que preserva no presente “as tradições mais profundas que emergiram naturalmente e que sobreviveram aos testes do tempo” (SCRUTON, 1944, p. 12). Para Scruton, os conservadores defendem as virtudes do que é real, e não o hipotético, por isso faz críticas à aproximação do Partido Conservador ao liberalismo de mercado, que para ele poderia arruinar a sociedade e as instituições, como a família, em nome de benefícios hipotéticos advindos da “liberdade desregrada”.

Scruton representa um grupo bastante engajado com a preservação das

---

<sup>48</sup>CONSERVADOR. In: **DICIO**: Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/conservador/>. Acesso em: 18 jul 2020.

tradições, por isso fez críticas ao liberalismo econômico e ao governo de Margaret Thatcher<sup>49</sup> por considerar que sua política liberal poderia destruir as tradições britânicas. Mais tarde, Scruton reconcilia-se com o Thatcherismo<sup>50</sup> e admite que o liberalismo econômico poderia não afastar a ideologia conservadora. Assim, talvez, possamos compreender o conservadorismo narrado por Nando Moura como aquele que defende as tradições e ao mesmo tempo a política liberal.

Para João Pereira Coutinho, cientista político e escritor português, os conservadores são contrários aos revolucionários, pois recusam-se às ambições utópicas de futuro e ao radicalismo que pode ameaçar e colocar em risco os fundamentos institucionais da sociedade (COUTINHO, 2014, p. 29).

Tais fundamentos aparecem em vários vídeos de Nando Moura, onde defende: a família, os valores cristãos da sociedade brasileira, onde faz críticas ao aborto e ao feminismo, etc. Nando Moura também coloca-se contrário aos revolucionários quando critica o socialismo, e qualquer outra forma de mudança estrutural na sociedade. Para ele, a sociedade capitalista liberal faz parte de uma tradição que sobreviveu ao teste do tempo e deve ser preservada.

Contudo, será que o comportamento apresentado por Nando em seus vídeos corresponde a um ideal conservador ou revolucionário? Será que suas vestimentas e o modo como fala e gesticula corrobora com as premissas conservadoras? No vídeo isto não fica claro, sua postura parece contradizer suas afirmações, fazendo com que o interlocutor tenha uma impressão difusa sobre o assunto.

Ao dizer que os conservadores foram os responsáveis pela abolição da escravidão, o mesmo também não aborda as evidências históricas sobre o que relata, deixando mais uma lacuna na compreensão do assunto aos interlocutores. Desta forma, reflito sobre hipóteses que possam ter levado o *youtuber* a afirmar a questão e chego a algumas conclusões.

Possivelmente, Nando Moura tenha interpretado de forma equivocada o fato de João Alfredo, político do Partido Conservador, ter proposto o projeto de abolição que foi aprovado pelo Senado e sancionado pela Princesa Isabel, em 1888. Sendo assim, Nando equivoca-se, pois desconsidera inúmeros outros fatores que

---

49Margaret Thatcher (1925-2013) foi Primeira-Ministra do Reino Unido entre os anos de 1979 a 1990, ficou conhecida como Dama de Ferro pelo seu estilo de liderança.

50Thatcherismo designa a ideologia e as políticas defendidas pelo Partido Conservador britânico, desde que Margaret Thatcher foi eleita líder do partido. Thatcher era uma ferrenha defensora do liberalismo clássico.

contribuíram para a abolição da escravatura, deixando um fator isolado predominante em sua análise. Provavelmente, por questões ideológicas que compartilha, mas que não expõe por apresentar a mesma postura que critica nos intelectuais de esquerda.

A abolição da escravidão no Brasil deve-se a diversos fatores, internos e externos, foi o resultado da luta e pressão feita pelos escravizados e a população em geral, assim como pelos políticos liberais, aos poucos os conservadores e pelos britânicos comprometidos com o progresso mundial (DA COSTA, 2010).

Os conservadores resistiram à abolição. Sempre tiveram muita força no Parlamento e estreita ligação com os produtores rurais e grandes escravistas (especialmente do Sudeste). Os liberais também tinham ligações com os escravistas, mas era entre os conservadores que se encontravam as figuras de proa de defesa do escravismo e de onde vinham fortes resistências contra a abolição. Alguns conservadores queriam prolongar a escravidão até o século XX.

Quando a pressão contra a escravidão aumentou muito na década de 1860 (seja por conta da rebeldia dos escravizados, seja por conta do isolamento internacional – depois da Guerra Civil Americana, o Brasil é o único país independente a manter a escravidão nas Américas), então a classe política aceitou fazer concessões abolicionistas (novamente, a resistência mais forte vinha sempre de conservadores).

As leis antiescravistas foram aprovadas em gabinetes conservadores, pois quando os gabinetes eram liberais a oposição dos conservadores a respeito das leis abolicionistas era intensa, qualquer passo na tentativa de avançar legislação abolicionista era bloqueado. Vide o processo de criação das leis de 1871 e 1885. Isso forçava o monarca a dissolver o Parlamento e montar novo gabinete, levando os conservadores ao poder. Ao assumirem a chefia do gabinete ministerial, os conservadores aceitavam aprovar as leis abolicionistas, mas reformavam as propostas para deixá-las bastante travadas ou mais conservadoras (o que significava, na prática, frear a marcha abolicionista).

A lei de 13 de maio de 1888 foi surpresa para todos. Ela foi criada por pressão completa dos movimentos de revolta dos escravizados (isso é consenso na historiografia). O Parlamento não tinha o menor interesse na abolição total da escravidão em 1888, queria prolongar o debate mais além. Mas as revoltas de escravos, as fugas em massa das fazendas, a resistência completa ao trabalho, ou

seja, a desorganização completa da produção agrícola, leva o Parlamento a aprovar a abolição em 13 de maio de 1888. A tramitação do projeto de lei foi absolutamente rápida. Em poucas semanas o projeto fora criado e aprovado (SILVA, 2017).

Portanto, os responsáveis pela abolição foram a luta dos escravizados e a própria pressão abolicionista internacional (por parte de governos e movimentos independentes). Isso é que fez liberais e conservadores a se moverem em direção ao abolicionismo (com resistência mais empedernida entre os conservadores).

Podemos observar ainda que, em considerações sobre a história do livro de Joaquim Nabuco - *O Abolicionismo* - Izabel A. Marson e Célio R. Tarinafo abordam que “Nabuco procurava fazer com que os representantes de todos os partidos – particularmente os que integravam ao Partido Liberal – e os senhores de escravos concordassem pacificamente com uma modalidade de abolição do trabalho escravo” (NABUCO, 2003, p. 14). Desta forma, fica evidente que muitos liberais e conservadores, durante a campanha abolicionista, estavam dialogando sobre o assunto.

Em sua narrativa, Nando Moura, cita diversos outros assuntos desconexos e sem fundamento. Parece-me que esta é uma estratégia para confundir seu público, fazendo com que este acredite em seu ponto de vista. Um exemplo é quando diz que no Oriente Médio ainda estão decidindo se vale a pena ou não ter escravos hoje em dia, o *youtuber* não faz nenhuma outra referência à informação proferida. Assim, induz o espectador a aceitar sua afirmação de forma mecânica e sem maiores critérios.

No entanto, o regime de trabalho análogo à escravidão, mesmo sendo ilegal, é uma realidade que ultrapassa as fronteiras nacionais. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), boa parte da Ásia e o Pacífico lideram o ranking de trabalho escravo no mundo, a América Latina e o Caribe vem logo em seguida, já o Oriente Médio e Norte da África encontram-se em 5º lugar, penúltimo no ranking mundial<sup>51</sup>. Segundo o Ministério do Trabalho<sup>52</sup>, de 1995 a 2015, cerca de 50 mil pessoas foram libertadas do trabalho análogo ao de escravo no Brasil. Assim, por algum motivo, a realidade do nosso próprio País, Nando Moura não relata, deixando lacunas nas informações e com isso brechas para sua persuasão.

---

51 FERNANDES, Elisângela. A escravidão não existe. **Nova Escola**, 2010. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/216/a-escravidao-ainda-existe>. Acesso em: 17 jul 2020.

52 BRASIL. Ministério do Trabalho. Dados sobre trabalho escravo no Brasil. *In*: **Repórter Brasil**. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/dados/trabalhoescravo/>. Acesso em: 17 jul 2020.

A partir da mesma estratégia, Nando Moura parece construir toda uma narrativa para dizer que foram os conservadores que aboliram a escravidão no Brasil, conseqüentemente boa parte dos jovens assíduos ao seu canal são induzidos a confiar em suas ideias e ao mesmo tempo desconfiar de seu professor.

### 2.3.2 A escravidão entre negros

Quando o *youtuber* inicia sua fala sobre o dia da Consciência Negra, diz que o dia foi escolhido como sendo o dia de Zumbi dos Palmares, que segundo ele era um escravagista, como um homem de sua época. Desta vez, para fundamentar sua narrativa, inicia a leitura de um trecho do livro do escritor e jornalista Leandro Narloch, de *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil* (2009). O livro enfrentou muitas críticas entre os pesquisadores citados nele e os historiadores em geral, sendo assim constitui uma fonte de pesquisa bastante polêmica e questionável apresentada por Nando Moura como incontestável.

Em sua leitura, tenta validar que “o maior sonho de um negro escravo liberto no Império brasileiro era ter outros escravos”, generalizando e simplificando historicamente a questão. No relato, um escravo liberto, Zé Alfaiate, torna-se traficante de escravos, justificando, desta forma, a premissa de que o maior sonho de um negro liberto à época era ter outros escravos. No entanto, tal conclusão demonstra-se precoce e indevida, pois mesmo que a escravidão entre negros também tenha sido uma realidade, tanto na África quanto no Brasil, a forma como o *youtuber* constrói sua narrativa a respeito do assunto é extremamente estratégica, uma vez que parece induzir seu público a acreditar que todos os africanos e criolos escravizados eram como seus senhores, minimizando e/ou absolvendo as ações do homem branco contra o negro durante o regime escravocrata brasileiro.

Escravos que compravam outros escravos ou que se tornaram traficantes representam uma minoria ínfima. A esmagadora maioria vinha da África como escravo (ou nascia já escravizado no Brasil) e morria como escravo. O relato narrado por Nando Moura são exceções que não explicam o escravismo.

Em seu vídeo, o *youtuber* também aborda a escravidão em Palmares dizendo que “os quilombolas praticavam ataques a povoados próximos a fim de obter escravos”, mas que “os negros que chegassem no quilombo por sua própria sorte eram considerados livres”. O que está correto, pois a historiografia sobre Palmares

considera a possibilidade de ter havido escravidão no quilombo. Segundo Thornton (2010), Palmares configurava-se como um Estado organizado por uma elite que o governava.

Palmares claramente desenvolveu os aspectos formais de Estado a partir do tipo de respeito característico imposto pelos governantes das regiões que falavam kimbundu (e talvez também do Congo, embora existam alguns fatores específicos em Palmares além da Igreja Católica). A elite ostentava o título de Ngana, que designava lorde, e era recebida com a mesma reverência, submissão e aclamação que a nobreza africana, desenvolvendo redes de dominação e controle baseadas na afinidade, incluindo a escravidão daqueles que eram capturados, ao contrário do que acontecia com os que iam ao seu encontro. (THORNTON, 2010, p. 56)

A partir da citação, podemos validar a fala do *youtuber* sobre a questão. Porém, é preciso maiores informações sobre as diferenças entre a escravidão em Palmares e o regime escravocrata adotado no Brasil. Segundo Thornton (2010), a configuração estatal e a escravidão em Palmares apresentavam um modelo bastante parecido com o que havia na África Central. Poderia se sair mais facilmente da escravidão e esta não carregava o estigma racial.

Todavia, a historiografia sobre Palmares é ainda hoje objeto de mais estudos e aprofundamento, o que não significa dizer que o que existe de pesquisas até aqui sejam inválidas. Para o arqueólogo Scott Joseph Allen, Palmares é ainda objeto de muito estudo pelos pesquisadores.

Quinze anos depois das primeiras escavações arqueológicas na Serra da Barriga, ainda estamos longe de um entendimento da vida dos quilombolas. As razões disso são complexas, envolvendo aspectos metodológicos, teóricos e os contextos sociopolíticos na prática da arqueologia histórica. A princípio, queríamos chegar a um nível não alcançável através das fontes históricas primárias, que relatam principalmente eventos militares, não proporcionando informações quanto à vida cotidiana dos quilombolas. (ALLEN, 2010, p. 119)

Portanto, afirmar qualquer característica da vida cotidiana dos quilombolas é bastante delicado. A escravidão em Palmares é uma possibilidade que ainda precisa ser melhor estudada, mesmo porquê as fontes primárias conhecidas relatam eventos militares e pouco se obteve das escavações arqueológicas na Serra da Barriga.

Sendo assim, mais uma vez Nando Moura utiliza-se de um saber incompleto

a fim de sustentar a sua narrativa. Abordar a escravidão da maneira como fez no vídeo é não levar em consideração a complexidade da questão. Muitas críticas precisam ser feitas e muitas pesquisas podem e devem ser revistas. Porém, é preciso clareza e honestidade com o conhecimento a ser estudado, pois do contrário faz-se o mesmo que se critica e o conhecimento fica polarizado em versões ideológicas e imprecisas.

### 2.3.3 A origem de Zumbi

Sobre a origem de Zumbi, o *youtuber* diz no vídeo que o mesmo era da “terrível tribo dos imbangalas”. O que historicamente não é possível afirmar. Para John K. Thornton, em Gomes (2010, p. 55), é mais provável que Palmares tenha sido construído a partir dos estados da África Central (Congo, Ndongo e Matamba), na qual os imbangalas inserem-se, mas não se constituem majoritariamente.

Nando Moura, a partir da leitura do livro<sup>53</sup>, exemplifica como a tribo imbangala, a tribo de Zumbi como ele diz, seria “terrível” em suas práticas “sanguinárias e desumanas”. Cita ainda que “faziam alianças com os portugueses e quando estas quebravam-se acabavam sendo também escravizados e mandados ao Brasil”, assim “os ancestrais de Zumbi teriam chegado ao Brasil”.

Em relação às características dos imbangalas, o *youtuber* faz referências acertadas, assim como quando retrata sobre as alianças feitas com os portugueses e suas sucessivas quebras que podem ter trazido ao Brasil membros do seu povo. Porém, equivoca-se ao afirmar que Zumbi pertencia à linhagem dos imbangalas, pois não há evidências históricas que confirmem sua explanação.

Muitos estudiosos têm destacado a possibilidade do Imbangala terem servido como modelo para a região. Em parte isso se deve às interpretações equivocadas do termo “quilombo”, amplamente usado para designar as comunidades de escravos fugitivos do século XVIII, mas raramente utilizado para falar de Palmares, já que *Kilombo* era o termo frequentemente utilizado em Kimbundu para indicar os exércitos de Imbangala. (THORNTON, 2010, p. 55)

Desta forma, observamos que é possível até problematizar a questão, já que muitos estudiosos destacam a possibilidade do imbangala terem servido de modelo

---

<sup>53</sup>NARLOCH, Leandro. **Guia politicamente incorreto da história do Brasil**. São Paulo: Leya, 2009.

para a região, mas não é possível afirmar que Zumbi pertencia a mesma linhagem. Segundo Thornton (2010 apud GOMES, 2010), o reino de Palmares era um complexo heterogêneo que se originou de duas conjunturas. A primeira foi a “onda angolana” período em que a região de Pernambuco recebeu muitos africanos provenientes da África Central. Os africanos provenientes desta região poderiam ser do Congo ou de uma das várias regiões que tem o Kibundu como língua e que possuíam uma cultura notavelmente uniforme. A segunda seria a partir da invasão da Companhia Holandesas das Índias Ocidentais, em 1630, pois possibilitou que milhares de trabalhadores escravizados escapassem juntando-se em *Mocambos* já existentes no interior da região.

Observa-se contudo, que Nando Moura cria um personagem para Zumbi dos Palmares que não pode ser demonstrado cientificamente a partir das pesquisas realizadas até o momento. Mais uma vez o *youtuber* faz o mesmo que critica em seu vídeo, cria um ideal de Zumbi e utiliza certos conhecimentos de forma isolada e sem maiores problematizações para justificar suas crenças.

#### **2.3.4 Zumbi e o dia da Consciência Negra**

De acordo com Oliveira Silveira, em Gomes (2010, p. 149), o 20 de novembro tem sua origem ligada à formação do Grupo Palmares, de Porto Alegre – RS, na década de 1970, ou seja, está ligada ao Movimento Negro que buscou nesta data maior representatividade, uma vez que consideravam o 13 de maio uma farsa.

Segundo Amorim (2011), em sua dissertação, a heroicização de Zumbi dos Palmares é resultado da ação do ativismo negro, sendo seu lastro cultural inseparável da sua ação política. A reivindicação do dia 20 de novembro surge no seio do MNU (Movimento Negro Unificado) num contexto onde fazia-se necessário denunciar a crença na democracia racial e o racismo.

Assim, podemos observar que o Dia da Consciência Negra (20 de novembro) legitima-se como uma construção autenticamente negra e a heroicização de Zumbi dos Palmares a partir da necessidade de luta do movimento negro brasileiro.

Quando Nando Moura diz em seu vídeo que na “biografia de viés marxista há um esforço em caracterizar Palmares como a primeira luta de classes na História do Brasil”, o autor mais uma vez faz uma afirmação acertada, porém sem as devidas problematizações.

Podemos observar que, na historiografia sobre Palmares, a produção de autores marxistas foi bastante relevante na construção de um ideal de sociedade quilombola e que de fato, na interpretação destes, Palmares existiu como um exemplo de luta de classes no Brasil.

Reis (2004), em sua dissertação, destaca que a historiografia recente sobre Palmares divide-se entre historiadores marxistas vinculados aos movimentos de militância negra, onde destaca-se o historiador Décio Freitas com a obra *Palmares*, de 1971, que colaborou com a imagem atual de Zumbi e Palmares. E entre o que a autora chama, de “estudos provenientes das Universidades”. Segundo Reis (2004), esses não buscam narrar a história total do Quilombo, mas “investigá-lo através de recortes temáticos e cronológicos sob as mais diversas linhas interpretativas e metodológicas, numa tentativa de transpor o silêncio e a limitação impostos pela documentação”. Destaca-se nesses estudos o autor brasileiro Stuart B. Schwartz e a coletânea *Liberdade por um fio*, organizada por João José Reis e Flávio dos Santos Gomes, em 1996.

Segundo Reis (2004), os autores provenientes das Universidades irão concordar com a produção marxista em alguns aspectos, mas em outros irão criticá-los. Portanto, a crítica que Nando Moura faz à produção marxista sobre Palmares já é, nas pesquisas sobre o assunto, uma realidade. O que não anula todos os estudos provenientes dos autores marxistas sobre a questão.

O que parece estar em jogo na fala e crítica do *youtuber* não é uma preocupação historiográfica sobre Zumbi e o dia da Consciência Negra, mas sim uma preocupação política com o alcance das reflexões sobre este dia.

Em outros vídeos de seu canal, Nando Moura apresenta-se como um apoiador da democracia racial e minimiza o racismo no Brasil. Sendo assim, quando o *youtuber* critica Zumbi enquanto símbolo de resistência contra a escravidão e digno de ser heroicizado, o mesmo assume um posicionamento político oposto ao defendido pelo Movimento Negro.

Desta forma, as críticas feitas por Nando Moura no vídeo analisado não são contra a “verdade” na história sobre Palmares e Zumbi. Trata-se de um vídeo elaborado para defender seu posicionamento político-ideológico acerca do racismo e da democracia racial.

Antes de finalizar o vídeo, Nando Moura conclui sua narrativa retomando a ideia de que transformaram a história de Zumbi dos Palmares em uma fábula

marxista, citando um período isolado da produção historiográfica sobre o assunto, sem contextualização, e ocultando as origens da evocação do dia 20 de novembro, assim como toda uma historiografia mais recente sobre o assunto.

Contudo, observa-se a principal estratégia de persuasão do *youtuber*, misturar informações infundadas com outras corretas, para que seu público não percebam as contradições de sua fala e passem a acreditar em sua narrativa. Da mesma forma, não podemos esquecer que Nando Moura utiliza-se de um meio de informação bastante atrativo e acessível aos jovens, e que seu visual rebelde e descolado facilita a atração de mais adeptos às suas ideias. Assim, muitos jovens chegam em sala de aula com uma perspectiva bastante controversa sobre temas importantes da sociedade e acreditando que seu professor esconde dele a verdade que seus mentores da internet estão demonstrando.

### **CAPÍTULO 3 - A PROPOSTA DIDÁTICA: TRABALHANDO COM YOUTUBERS E CONTEÚDOS RACISTAS EM SALA DE AULA**

Com o objetivo de auxiliar professores no trabalho com questões polêmicas, sobretudo o racismo, tema importante e que é bastante discutido por *youtubers* influentes entre os jovens estudantes conectados à internet, o estudo da presente dissertação possibilitou a apresentação de uma sequência didática elaborada para ser desenvolvida com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

A sequência didática desenvolvida almeja contemplar uma das competências específicas de História para o Ensino Fundamental, elaborado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC): “Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários”. (BNCC, 2017, p. 402)

Além de evidenciar um tema importante para a sociedade brasileira, o racismo, a sequência didática também auxilia professores a trabalhar com a diversidade de visões e interpretações de diferentes sujeitos. Possibilitando aos alunos um posicionamento crítico frente às inúmeras informações que são ofertadas a eles por meio da Internet, sobretudo o *YouTube*.

Uma vez que, segundo a BNCC (2017, p 395), “um objeto só se torna documento quando apropriado por um narrador que a ele confere sentido, tornando-o capaz de expressar a dinâmica da vida das sociedades”, é necessário que os estudantes percebam no conhecimento histórico a forma como os indivíduos constroem suas narrativas sobre o mundo.

Dessa forma, a sequência desenvolvida busca, de acordo com a BNCC, protagonizar docentes e discentes no processo de ensino e aprendizagem assumindo uma “atitude historiadora”, a partir do desenvolvimento de processos de identificação, comparação, contextualização, interpretação e análise de um objeto.

#### **3.1 A proposta didática**

A proposta didática foi elaborada para ser desenvolvida a partir do componente curricular de História com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, logo após o professor ter trabalhado a abolição da escravidão no Brasil, objetivando

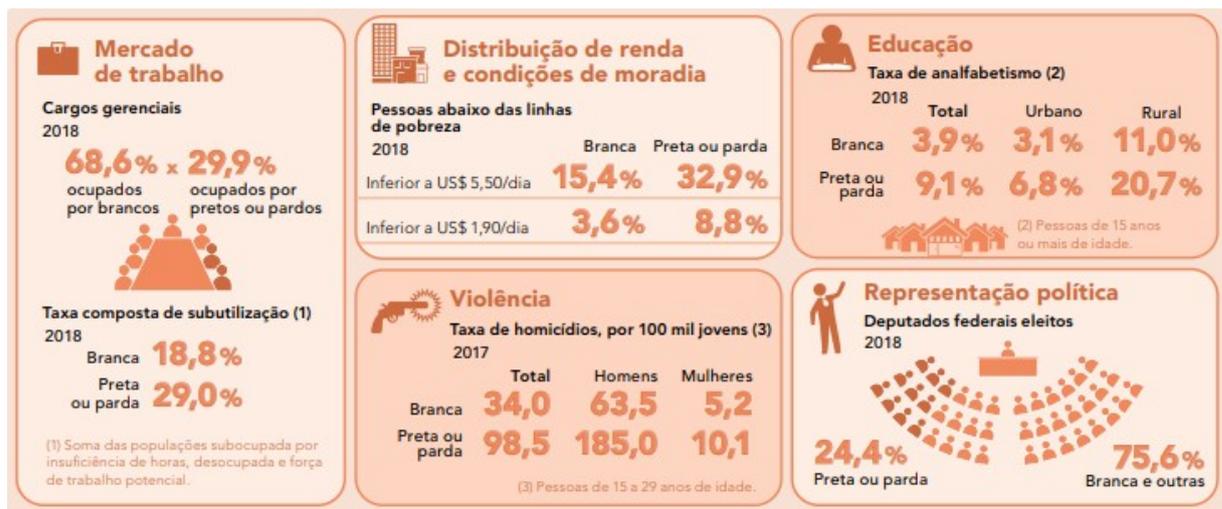
contemplar a habilidade de “identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados” (BNCC, 2017, p. 429). Assim como, desenvolver as competências específicas já abordadas no item anterior.

O tempo estimado para duração da proposta é de 7 aulas.

### Aula 1 e 2

O professor deverá apresentar aos alunos o tema da proposta didática evidenciando sua importância para a sociedade. Para instigar os alunos a refletirem sobre seus conhecimentos prévios, o docente deverá convidá-los a analisar dados do IBGE, que apresentam as desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil.

Figura 1 – Dados IBGE



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais.

Após leitura e interpretação da tabela, conduzida pelo professor, o mesmo deve indagar aos alunos sobre os porquês dessas desigualdades evidenciadas pelo IBGE, a partir das seguintes perguntas (sugere-se que tais questões sejam debatidas e respondidas oralmente):

- O que a tabela está mostrando?
- Por que você acha que existe essa diferença?
- Você acredita que tais resultados sejam um reflexo de como nossa sociedade foi estruturada historicamente? Justifique.

Após os questionamentos o docente deve convidar os alunos a assistirem um vídeo no YouTube, “O que é racismo estrutural? Desenhando”:

[https://www.youtube.com/watch?v=la3NrSoTSXk&ab\\_channel=QuebrandoTabu](https://www.youtube.com/watch?v=la3NrSoTSXk&ab_channel=QuebrandoTabu). O mesmo pertence a um Canal da plataforma, chamado de *Quebrando o Tabu* e é apresentado por uma mulher negra que se identifica como Preta Araújo.

Ao término da exibição do vídeo é interessante que o professor proponha aos alunos que se manifestem a respeito do vídeo e sua relação com o racismo e as desigualdades apresentadas pela tabela.

Após o diálogo sobre as reflexões, o professor deverá fazer uma série de perguntas mais objetivas sobre os conteúdos acessados e assistidos pela internet, são elas (sugere-se que tais questões sejam debatidas e respondidas oralmente):

- O racismo é discutido na internet?
- Você conhece algum conteúdo da internet que fala sobre o tema racismo? Qual?
- Você utiliza bastante a internet para pesquisas, entretenimento, jogos, etc.?
- Todos os conteúdos disseminados pela internet são válidos?
- Você acessa bastante a plataforma de vídeo do YouTube?
- Youtubers e influenciadores digitais estão sempre comprometidos com a verdade?
- Você é crítico quanto aos assuntos que acessa na internet?
- O mundo exige que sejamos críticos com todas as informações que adquirimos diariamente?

### **Aula 3**

O objetivo da terceira aula é colocar aos alunos que o YouTube e a internet devem ser acessados de forma crítica pelos estudantes, pois os conteúdos podem ser válidos ou não.

Para iniciar as reflexões acerca do assunto: racismo na internet, os estudantes deverão ser convidados a assistirem a mais um vídeo do Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=eokS3qiCijM&t=319s>. O vídeo é do Canal Nando

Moura e chama-se “Taís Araújo e sua Consciência Negra”. O mesmo faz crítica a uma declaração, fora de contexto, da atriz global Taís Araújo.

Após o vídeo do *youtuber* os alunos também deverão ser convidados a assistirem a um vídeo de Taís Araújo por 5 minutos e 26 segundos (O suficiente para compreenderem todo o contexto necessário) citado por Nando Moura. Chama-se “Como criar crianças doces num país ácido”, presente no Canal TEDx Talks: <https://www.youtube.com/watch?v=H2lo3y98FV4&t=6s>.

Após assistirem aos dois vídeos, os alunos responderão em seus cadernos às seguintes perguntas:

- Qual é o tema abordado pelos dois vídeos?
- Os dois vídeos possuem o mesmo ponto de vista referente ao tema?

Explique.

Em seguida o professor deve corrigi-las coletivamente.

#### **Aula 4 e 5**

Nestas aulas os alunos são convidados a fazerem uma análise detalhada do vídeo de Nando Moura. Organizados em grupos, os alunos responderão por escrito às questões (para tanto os alunos poderão utilizar de materiais de apoio, como livros e a própria internet):

01) O vídeo inicia com Nando Moura dizendo que é uma vergonha o dia da Consciência Negra ter como patrono Zumbi dos Palmares.

- a) Quem foi Zumbi dos Palmares?
- b) O que eram os quilombos?
- c) Por que Nando Moura acredita ser vergonhoso ter Zumbi dos Palmares como patrono do dia da Consciência Negra?
- d) Explique como surgiu o dia da Consciência Negra.

02) O *youtuber* diz não fazer sentido uma conversa dessa (de racismo) em um país cheio de miscigenação.

- a) O que é miscigenação?
- b) Pesquise sobre o mito da democracia racial e explique-o resumidamente.

c) Você acredita que não existe racismo no Brasil por sermos um país miscigenado?

03) O youtuber diz que não seria possível existir racismo no Brasil uma vez que a atriz é rica e famosa. O fato de um negro ser rico e famoso elimina o racismo? Dê sua opinião.

04) No Brasil observamos muita diferença social entre negros e brancos? Reflita e justifique sua resposta.

05) O youtuber diz que a boneca da Taís Araújo tem o preço bastante "opressor". O que significa esta palavra?

06) A boneca, citada pelo *youtuber*, é da década de 1990 e nos dias de hoje tornou-se rara, por isso foi anunciada no site *Mercadolivre* com o preço de R\$600,00. Você sabia que objetos antigos geralmente são muito valiosos? Conhece algum exemplo?

Figura 2 – Boneca Taís Araújo



Fonte: Mercado Livre (não acessível).

07) Por que você acha que o *youtuber* omitiu a informação de que a boneca está cara por causa de ter se tornado rara nos dias de hoje?

06) O *youtuber* critica Taís Araújo por não ter se manifestado quando Jean Wyllys chamou um de seus seguidores de “negro gordo”. Analisando completamente a postagem de Jean Wyllys você acredita que ele foi racista?

Figura 3 – Postagem Jean Wyllys



Fonte: Canal Nando Moura

07) O *youtuber* também critica a atriz por não ter se manifestado contra a Globo quando “por quase um ano acobertaram os comentários racistas do jornalista William Waack”. No caso do jornalista consulte um dos sites que comentaram o ocorrido na época, <https://www.geledes.org.br/william-waack-e-afastado-do-jornal-da-globo> e responda:

- a) Quando a notícia foi publicada?
- b) Quando o jornalista foi afastado?
- c) Você acredita que a Globo acobertou os comentários racistas de William Waack? Porque será que o *youtuber* disse isto?

08) No finalzinho do vídeo Nando Moura diz que seu melhor amigo de infância é um negro. Você acredita que ter um amigo negro significa não ser racista? Justifique.

09) Você acredita, como o ator Morgan Freeman, que para acabar com o racismo é preciso parar de falar sobre este assunto? Justifique.

### **AULA 6 e 7**

O professor deve corrigir coletivamente cada questão no formato de debate. E por fim, cada aluno deve fazer uma redação sobre o tema: O racismo e a sociedade brasileira no século XXI.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, quanto ao vídeo "Consciência Negra? A verdade que não contaram", observa-se que todos os argumentos apresentados por Nando Moura, via Leandro Narloch, foram utilizados na construção de uma narrativa que desqualifica o Movimento Negro, no que refere-se ao seu maior símbolo de luta: Zumbi dos Palmares e o dia da Consciência Negra.

Nando Moura, ao declarar-se contrário à escravidão e apostado em uma narrativa que coloca conservadores como os responsáveis pela abolição, retira dos escravizados qualquer protagonismo sobre a questão. O mesmo acontece quando enfatiza que durante o regime escravocrata brasileiro havia negros que escravizaram negros. Quando associa origem de Zumbi dos Palmares aos imbangalas deixa claro que não acredita em qualquer solidariedade entre negros, assim desqualificando a atitude do Movimento Negro em comemorar o dia 20 de novembro como o dia da Consciência Negra.

A narrativa apresentada por Nando Moura através do vídeo possui visivelmente um caráter ideológico que defende os interesses da direita conservadora brasileira em oposição à narrativa do Movimento Negro, que busca através do dia da Consciência Negra, reafirmar seus interesses em prol de uma sociedade menos racista, onde o negro esteja incluído na sociedade de maneira mais efetiva.

Assim, o vídeo critica não necessariamente a produção histórica sobre Palmares, mas a uma produção marxista que ideologicamente é contrária à visão do *youtuber*. Desta forma, é preciso deixar claro, nas discussões sobre o tema com os alunos, essa disputa ideológica em questão. Para que o conhecimento esteja de fato chegando até eles, com muito respeito e honestidade por parte de todos os envolvidos neste processo.

A proposta didática apresentada foi construída com o objetivo de ajudar os docentes no ensino de História a trabalharem com o tema, a partir de vídeos postados no Canal do YouTube, que possam causar confusão e prejuízos ao conhecimento e a sociedade. Sobretudo, é uma importante maneira de falar sobre racismo afim de combatê-lo em suas diferentes facetas da contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

- ADJUNIOR. **Canal Ad JR**. YouTube, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/ADJUNIOR1>. Acesso em: 08 out. 2021.
- AGÊNCIA NOVA/SB. (2016). **Dossiê intolerâncias visíveis e invisíveis no mundo digital**. Disponível em: <http://www.comunicaquemuda.com.br/dossie/quando-intolerancia-chega-as-redes/>. Acesso em : 13 março 2022.
- ALLEN, Joseph Scott. Os desafios da arqueologia de Palmares. *In*: GOMES, Flavio. **Mocambos de Palmares: histórias e fontes (século XVI-XIX)**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010, p. 119-130.
- AMORIM, Alessandro Moura de. **MNU representa Zumbi (1970-2005): cultura histórica, movimento negro e ensino de história**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5956>. Acesso em: 07 jul. 2020.
- TEDX TALKS. **Como criar crianças doces num país ácido**: Taís Araújo. São Paulo: TEDx, 2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=H2lo3y98FV4&t=6s&ab\\_channel=TEDxTalks](https://www.youtube.com/watch?v=H2lo3y98FV4&t=6s&ab_channel=TEDxTalks). Acesso em: 23 jan. 2022.
- ARCOVERDE, Letícia. Por que o mito de que não existe racismo no Brasil persiste. **NEXO**, 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/11/21/Por-que-o-mito-de-que-n%C3%A3o-existe-racismo-no-Brasil-persiste>. Acesso em: 08 out. 2021.
- BERLEZE, M.; PEREIRA, B. S. **O racismo nas redes sociais: preconceito real assumido na vida virtual**. Santa Maria, RS. 2017.
- BORGES, Luzineide; FERNANDES, Mille. Cyberativismo e Educação: o conceito de raça e racismo na cibercultura. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 18, n. 207, p. 75-87, agosto, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/43390>. Acesso em: 21 de out. de 2021.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf). Acesso em: 01 jun. 2020.
- BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 21 jun. 2021.
- BRASIL. **Lei nº 12.965 de 23 de abril de 2014**. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm)>. Acesso

em: 21 mai. 2021.

CAGNIN, Luis. **Bolsonaro – Lista de traições**, 2020. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5wdo0B3leMw>. Acesso em: 07 jul. 2020.

CAGNIN, Luis. **Canal Nando Moura**. Youtube, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/MrNandomoura101>. Acesso em: 07 jul. 2020.

CAGNIN, Luis. **Consciência Negra?? A verdade que não contaram**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SOYMeedH3l8&t=3s> [fora do ar] Acesso em: 19 out. 2019.

CAGNIN, Luis. **Master Class Nando Moura**, 2018. Disponível em: <https://nandomoura.kpages.online/venda>. Acesso em: 18 jul 2020.

CAGNIN, Luis. **Nando Moura: sideman professor produtor**. Disponível em: <http://www.nandomoura.com/>. Acesso em: 07 jul. 2020.

CAGNIN, Luis. **Taís Araújo e sua Consciência Negra**. Youtube, 20 de nov. de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eokS3qiCijM&t=11s>. Acesso em: 08 out. 2021

CARVALHO, Olavo de. **Canal Olavo de Carvalho**, 2007. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/olavodeca/search?query=bolsonaro>. Acesso em: 07 jul. 2020.

CARVALHO, Olavo de. **Do Marxismo Cultural**, 2002. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/do-marxismo-cultural/>. Acesso em: 14 mai. 2020.

CARVALHO, Olavo de. **Educar todo mundo não funciona**. 2008. Disponível em: <http://olavodecarvalho.org/educar-todo-mundo-nao-funciona/>. Acesso em: 07 jul. 2020.

CARVALHO, Olavo de. **O curso online de filosofia**. Seminário de Filosofia. Disponível em: <https://www.seminariodefilosofia.org/o-curso-online-de-filosofia/>. Acesso em: 14 mai. 2020.

CARVALHO, Olavo de. **Sobre o futuro do pensamento brasileiro**, 2016. Disponível em: <http://olavodecarvalho.org/sobre-o-futuro-do-pensamento-brasileiro/>. Acesso em: 14 mai. 2020.

CHAVES, Leslie S. **Usos da internet nos movimentos sociais negros em rede na luta pela igualdade racial no Brasil: estudo de caso da Agência Afropress**. 2014. 196 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3156>. Acesso em: 07 jul. 2020.

CONVENÇÃO da ONU contra racismo busca meios de acabar com o discurso discriminatório na internet. **Nações Unidas Brasil**, 2013. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/63397-convencao-da-onu-contra-racismo-busca-meios-de-acabar-com-discurso-discriminatorio-na>. Acesso em 08 out. 2021.

COUTINHO, João Pereira. **As ideias conservadoras**: explicadas a revolucionários e a reacionários. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

DA COSTA, Emilia Viotti. **A Abolição**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

DENÚNCIAS de crimes cometidos pela internet mais que dobram em 2020. *In: G1*, 09 fev. 2021. Economia - Tecnologia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/02/09/numero-de-denuncias-de-crimes-cometidos-pela-internet-mais-que-dobra-em-2020.ghtml>. Acesso em: 08 out. 2021.

FARIAS, J. W. F. et al. Racismo e julgamento social na internet: crianças e jovens negros como alvos. **Revista De Psicologia**, v. 8, n. 2, p. 119 - 128, 24 out. 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/20107>. Acesso em: 21 out. 2021.

FERREIRA, Ramiro Gomes; STRACK, Bruno. **Clube do Valor**, 2022. Disponível em: <https://clubedovalor.com.br/>. Acesso em: 14 mai. 2020.

GOMES, Flavio. “Apresentação: Palmares, historiografia e fontes”. *In: GOMES, Flavio. Mocambos de Palmares: histórias e fontes (século XVI-XIX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com “raças” em sociologia. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 93 – 107, 2003.

HENRIQUE, Jorge. Ultimato! Canal do “Xbox Mil Grau” está permanentemente suspenso do YouTube. **Windows Club**, 2020. Disponível em: <https://windowsclub.com.br/ultimato-canal-do-xbox-mil-grau-esta-permanentemente-suspenso-do-youtube/>. Acesso em: 08 out. 2021.

HOLTZ, P.; WAGNER, W. Essentialism and attribution of monstrosity in racist discourse: Right-wing internet postings about Africans and Jews. **Journal of Community & Applied Social Psychology**, v. 19, n.6, p. 411-425, 2009.

IANNI, Octávio. A sociologia de Florestan Fernandes. **Estudos Avançados**, v.10, n. 26, p. 25 – 33, 1996.

JÚLIO Cocielo vira réu por crime de racismo após denúncia do Ministério Público. **Folha de S. Paulo**, 15 set. 2020. Celebridades. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2020/09/julio-cocielo-vira-reu-por-crime-de-racismo-apos-denuncia-do-ministerio-publico.shtml>. Acesso em 08 de out. de 2021.

KETTREY, H. H.; LASTER, W. N. Staking territory in the “World White Web” an exploration of the roles of overt and color-blind racism in maintaining racial boundaries on a popular web site. **Social Currents**, v. 1, n. 3, 257-274, 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LHT Higgs Produções Audiovisuais Ltda. **Brasil Paralelo**, 2020. Disponível em: <https://site.brasilparalelo.com.br/series/patria-educadora/>. Acesso em: 18 jul 2020.

LOVEJOY, Paul. **A escravidão na África. Uma história de suas transformações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MALERBA, J. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 7, n. 15, p. 27–50, 2014. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/692>. Acesso em: 18 jul. 2020.

MALIA, Ashley. Conheça 10 influenciadores para seguir e acompanhar. **UOL**, 2020. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/digital/noticias/2146941-conheca-10-influenciadores-negros-para-seguir-e-acompanhar>. Acesso em: 08 out. 2021.

MARINHO, Maria Helena. Pesquisa Vídeos Viewers: como os brasileiros estão consumindo vídeos em 2018. In: **Think with Google**, 2018. Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-de-marketing/video/pesquisa-video-viewers-como-os-brasileiros-estao-consumindo-videos-em-2018/>. Acesso em 08 out. 2021.

MOURA, Nando; FERREIRA, Ramiro Gomes. **Mestre do Capitalismo**. Disponível em: <https://mestresdocapitalismo.com.br/>. Acesso em: 18 jul 2020.

MUNANGA, Kabenguele. **As ambiguidades do racismo à brasileira**. In: ABUD, Cristiane Curi; KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da (org). **O racismo e o negro no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo**. Brasília: UnB, 2003.

NERI, Nátaly. **Canal Nátaly Neri**. YouTube, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/NatalyNeri>. Acesso em: 08 out. 2021.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants. **On the Horizon**, NCB University Press, vol. 9, n. 5, p. 1-6, 2001. Disponível em: [https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2015/06/texto1nativosdigitaisimigrante\\_sdigitais1-110926184838-phpapp01.pdf](https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2015/06/texto1nativosdigitaisimigrante_sdigitais1-110926184838-phpapp01.pdf). Acesso em: 01 jun. 2020.

QUEBRANDO o tabu. **O que é racismo estrutural?** Desenhando. YouTube. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=la3NrSoTSXk&ab\\_channel=QuebrandooTabu](https://www.youtube.com/watch?v=la3NrSoTSXk&ab_channel=QuebrandooTabu). Acesso em: 07 jun. 2022.

RAGO, Margaret; GIMENES, Renato A. O. (org.). **Narrar o passado, repensar a História**. Campinas: Unicamp, 2000.

REDAÇÃO, Da. Ad Junior estreia série “Negro Futuro” no YouTube. **ISTOÉ**, 09 de nov. de 2020. Cultura. Disponível em: <https://istoe.com.br/ad-junior-estreia-serie-negro-futuro-no-youtube/>. Acesso em 08 out. 2021.

REIS, Andressa Mercedes Barbosa dos. **Zumbi: historiografia e imagens**, 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Universidades Estadual Paulista, Franca, 2004.

REIS, D. A. Notas para a compreensão do Bolsonarismo. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 46, n. 1, p. 1 - 11, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/36709/19614>. Acesso em: 21 out. 2021.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RODRIGUES, Aldair. O ensino de História na era digital: potencialidades e desafios. In: DURÃO, Susana; FRANÇA, Isadora. **Pensar com método**. São Paulo: Papéis Selvagens, 2018.

SALAZAR, Vitor. **As reproduções de desigualdades em um novo espaço social e as iniciativas do Direito em regular tais espaços**. Universidade de Brasília, 2015.

SCHNAIDER, Amanda. Por que o YouTube vai promover narrativas negras? **Meio e mensagem**, 2021. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2021/01/15/por-que-o-youtube-quer-promover-narrativas-negras.html>. Acesso em: 08 out. 2021.

SCRUTON, Roger. **O que é conservadorismo**. São Paulo: É Realizações, 2015.

SILVA, Juremir Machado da. **Raízes do conservadorismo brasileiro: a abolição na imprensa e no imaginário social**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

SILVEIRA, Junior. **Junior Silveira**. Disponível em: <https://juniorsilveira.com.br/>. Acesso em: 18 jul 2020.

SILVEIRA, Oliveira. "Evocação do 20 de novembro: origens". In: GOMES, Flavio. **Mocambos de Palmares: histórias e fontes (século XVI-XIX)**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010, p. 149-154.

SKIDMORE, Thomas S. Fato e mito: descobrindo um problema racial no Brasil. **Caderno de Pesquisa**, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 79, p. 5 - 16, nov. 1991.

SORJ, Bernardo; GUEDES, Luís Eduardo. Exclusão digital: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas. **Novos estudos**, CEBRAP, São Paulo, n. 72, p. 101 - 117, jul. 2005.

THORNTON, John K. Angola e as origens de Palmares. In: GOMES, Flavio. **Mocambos de Palmares: histórias e fontes (século XVI-XIX)**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010, p. 48 - 60.

TROJAIKE, Laísa. YouTube Black 2020 - Evento online irá repercutir o mês da Consciência Negra. **Canaltech**, 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/entretenimento/youtube-black-2020-evento-online-ira-repercutir-o-mes-da-consciencia-negra-174931/>. Acesso em: 08 out. 2021.

VALENTE, Jonas. Brasil tem 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa. In: **Agência Brasil**, 2020. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>. Acesso em 23 de jan. de 2022.

VALENTE, Jonas. Estudo aponta manipulação política pela internet em 70 países. *In: Agência Brasil*, 2019. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-09/estudo-aponta-manipulacao-politica-pela-internet-em-70-paises-em-2019>. Acesso em 08 de out de 2021.